

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO DE EDUCAÇÃO

ANA MARIA LOURENÇO POGGIANI

**OS MUSEUS ESCOLARES NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX: SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA.**

Santos

2011

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO DE EDUCAÇÃO

ANA MARIA LOURENÇO POGGIANI

**OS MUSEUS ESCOLARES NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX: SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA.**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação stricto sensu em Educação da
Universidade Católica de Santos, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida
Franco Pereira.**

SANTOS

2011

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
SIBIU

P746m POGGIANI, Ana Maria L.

Os Museus Escolares na Primeira Metade do Século XX:
Sua Importância na Educação Brasileira / Ana Maria
Lourenço Poggiani; Maria Aparecida Franco Pereira. – Santos:
[s.n.], 2011.
112f. ; 30 cm. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Católica
De Santos, Programa de Mestrado em Educação.

1. Museu Escolar. 2. Método Intuitivo. 3. Educação Renovada.
- I. Maria Aparecida Franco Pereira.
II. Título.

CDU 37(043.3)

COMISSÃO JULGADORA

DEDICATÓRIA

*À minha querida mãe (in memoriam)
que me trouxe ao mundo e participou ativamente de
todas as minhas conquistas, sempre me incentivando com
muito amor:
Saudades.*

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Eterno, pela minha vida e pela minha saúde.

A toda minha família, especialmente meu pai Davide; meu irmão José Roberto; meu sobrinho, Rafael; Laudiene, Tia Isaura, Fatinha, Tio Fábio e Tia Marialice, pela força e estímulo nessa caminhada.

Às minhas queridas amigas e irmãs de coração, Lucy, Dona Maria, Antônia, Tereza, Djanira, Maria Zilda e Cida Rollo.

À professora Cida Franco por seus ensinamentos e exemplos de vida, que cada vez mais despertam em mim o amor pela pesquisa histórica.

Aos meus companheiros do Liame.

Um agradecimento especial aos meus amigos César; Wilson; Rafael, Paloma e Jairo, que sempre me apoiaram e me ensinaram muito nessa caminhada do Mestrado.

À Dona Lélia Busch Alves Carneiro, filha da grande educadora Leontina Silva Busch, que me recebeu para uma entrevista com muito carinho e, a partir desse dia, nos tornamos boas amigas.

A Jean Ange Luciano, grande amigo, que em todas as horas me impulsionou e vibrou com as minhas conquistas.

A Capes que proporcionou apoio financeiro para realização dessa pesquisa.

POGGIANI, Ana Maria Lourenço. **Os Museus Escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos.

RESUMO:

O tema desta dissertação é o estudo do museu escolar na primeira metade do séc. XX e tem como objetivo demonstrar a importância dos museus escolares para a educação, como prática na construção da cultura escolar nas instituições educativas. Para tal pretende-se: a) estudar o museu como instrumento da renovação escolar, na passagem do séc. XIX para o XX. b) verificar a legislação paulista a respeito, através do Código de Educação de 1933. c) evidenciar duas contribuições para o estudo e a prática desses museus realizadas pela educadora Leontina Silva Busch (1936) pela museóloga Bertha Lutz (1932). d) levantar algumas experiências de Museu Pedagógico. e) conceituar os grandes tipos de Museu da Escola. A pesquisa tem presente os estudos de Maria Helena Câmara Bastos (2008), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), sobre museu escolar e os trabalhos de Diana Gonçalves Vidal (1999), Rosa Fátima de Souza (1998) sobre cultura escolar. Utilizando a metodologia da pesquisa histórica buscou-se inicialmente o levantamento da legislação e a identificação das instituições escolares que tiveram acervos museológicos. A documentação escrita está complementada com entrevistas.

Esta pesquisa revelou as várias conceituações dos museus ligados à educação e sua importância.

PALAVRAS – CHAVE: Organização e função educativa dos museus; educação renovada; memória escolar.

ABSTRACT

POGGIANI, Ana Maria Lourenço. **Museums School in the first half of the century XX: its importance in Brazilian education**. 2011. Dissertation (MA in education). Universidade Católica de Santos.

SUMMARY:

The theme of this dissertation is the study of the school Museum in the first half of the 20th century. XX and aims to demonstrate the importance of school educational museums, such as practice in the construction of school culture in educational institutions. To achieve this aim will be searched: a) study the Museum School as an instrument of renewal, in the passage of the 19th century. XIX to XX. b) Check the paulista legislation regarding, education through code, 1933. c) Highlight two contributions to the study and practice of museums made by educator Leontina Silva Busch (1936) by the musicology Bertha Lutz (1932). d) Raise some Pedagogical Museum experiences. and conceptualize large types) of school Museum. The search has this study of Maria Helena Chamber Bastos (2008), Ana Maria Casasanta Peixoto (2004), about Museum School and work of Diana Gonçalves Vidal (1999), Rosa Fatima de Souza (1998) about school culture. Using the methodology of historical research sought to initially survey of legislation and the identification of school institutions that have collections Museum. The written documentation is complemented with interviews.

Is survey revealed various conceptualizations of museums legacies to education and its importance.

KEY WORDS: Educational Organization and function of museums; renewed education; school memory. .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: O MUSEU E A RENOVAÇÃO DA ESCOLA	19
1.1 O Pedagogium.....	25
1.2 Novas idéias educacionais na República.....	27
1.3 O museu escolar em obras pedagógicas.....	32
1.4 Na busca de Museus Escolares	36
CAPÍTULO II: O MUSEU NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES PAULISTAS	46
2.1 A atuação de Caetano de Campos.....	46
2.2 O Museu Pedagógico no Código de Educação do Estado de São Paulo (1933).....	49
2.3 A experiência de Leontina Silva Busch na organização de museus escolares.....	53
CAPÍTULO III: O MUSEU E A EDUCAÇÃO	64
3.1 Bertha Lutz: A função educativa dos museus	64
3.2 A Experiência Paulista: Museus Históricos e Pedagógicos na década de 1950	73
3.3 Experiências Atuais “O Museu como Memória Escolar”	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	85
ANEXOS.....	95

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

1. Fachada do Colégio São José – Santos – SP (1935).....	37
2. Museu Pedagógico, foto. Acervo do Colégio São José.....	38
3. Museu de História Natural, foto. Acervo do Colégio São José.....	38
4. Sala de Aula: com a presença do museu ao fundo, foto. Acervo do Colégio São José.....	39
5/6/7. Acervos do Colégio São José, Atualmente no Laboratório de Química - Fotografado em 5 jul. 20103.4 Informações de Mercado.....	39/40
8. Pátio interno do Colégio Arquidiocesano – Revista Ecos, 2008	41
9. Museu Escolar do Arquidiocesano (antes e depois), publicado na Revista “Emfamília”, ago. 2008	42
10. Gabinete de História Natural. Acervo do Colégio Marista Arquidiocesano (1932), fornecida por Raquel Quirino Pinas	42
11. Museu Escolar. Acervo do Colégio Marista Arquidiocesano (1939), fornecida por Raquel Quirino Pinas	43
12. Visita de aluna ao Memorial do Colégio Arquidiocesano, Revista Ecos, 2008, p. 112	43
13. Inauguração do Memorial do Sesquicentenário e Lançamento do Hot Site do Centenário – Revista Ecos, 2008 – p. 118.....	44
14. O Casal Leontina e Reynaldo Busch – 1948. 08 set. 2010. Acervo de Lélia Busch Alves Carneiro	54
15. Grupo Escolar do Brás em 1913 - Escola Normal “Padre Anchieta” em1920. FONTE:SOUZA, Rosa Fátima de (1998).....	55
16. Livro “Organização de Museus Escolares” de Leontina Silva Busch. Foto: 15 ago. 2010.....	58
17. Bertha Maria Julia Lutz – capa do livro: “A Função Educativa dos Museus”	65

18. Organograma dos diferentes tipos de museus – “A Função Educativa dos Museus”, p. 115.....	66
19. Livro “A Função Educativa dos Museus” de Bertha Lutz. Foto: 26/01/2011.....	67
20. Encenação da História da Cidade pelas Crianças do Clube Junior do Museu. (New Ark Museum), “A Função Educativa dos Museus”, p.171.....	68
21. Cursos para professores (1932-1933). “A Função Educativa dos Museus”, p. 151.....	69
22. Crianças estudando África com material do museu. (Educational Museum of Saint Louis Public Schools), “A Função Educativa dos Museus”, p. 164	70
23. Sala da Biblioteca. (Brooklyn Children’s Museum). (LUTZ, 2008, p. 169)	71
24. Grupo de crianças jogando com docente na sala de Geologia. (Brooklyn Children’s Museum). (LUTZ, 2008, p. 170).....	72

INTRODUÇÃO.

O tema dessa dissertação é o estudo do museu escolar na primeira metade do séc. XX, e tem como objetivo evidenciar a importância dos museus escolares para a educação, como prática na construção da cultura escolar nas instituições educativas.

Para tal, pretendeu-se:

1. Compreender como foi entendido o museu na educação e na escola desde o fim do séc. XIX e primeira metade do XX, através da busca de instituições educativas e de experiências museológicas. Neste sentido, privilegiou-se a o estudo do Código de Educação paulista de 1933, onde, dentro dos princípios inovadores da educação, observa-se destaque para a utilização dos museus na escola. b) A experiência do trabalho de duas educadoras: Bertha Lutz, museóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e Leontina Silva Busch, professora da Escola Normal “Padre Anchieta”.

2. Pretende-se ao final evidenciar a utilização do museu como um instrumento de aprendizagem escolar.

O museu escolar exerce importante papel na educação. No desenrolar histórico, ele teve varias finalidades: divulgou novas metodologias de ensino, colaborou com o aprendizado dos novos professores nas escolas normais e nos grupos escolares, e hoje apresenta-se principalmente na dimensão também do patrimônio e memória escolar.

A importância de salvaguardar nossa memória escolar vem de encontro à necessidade de um espaço que contenha a história do pensar, sentir e fazer de nossas escolas. O museu escolar torna-se esse espaço de memória, levando-nos a compreender o relacionamento entre o passado e o presente para entender as atuais questões educacionais. Possibilita ao pesquisador um espaço de representações do mundo escolar e das relações construídas nesse ambiente para a compreensão do cotidiano onde está inserido.

O acervo do museu da escola é, pois, constituído de artefatos que dão suporte, organizam e determinam as práticas e relações que se estabelecem no interior da escola e têm papel de grande importância na definição de sua identidade. Estes artefatos são portadores de valores atribuídos através de todo um processo social, histórico e de construção da memória e traduzem a dimensão material de um processo de produção e reprodução social. (PEIXOTO, 2004, p. 458).

Desde o final do século XIX os museus escolares vão desenvolvendo sua trajetória na educação, principalmente nas propostas de modernização do ensino, a partir da crítica à educação tradicional.

Daí a importância de seu estudo para verificar o real papel que desempenharam na cultura escolar. Embora haja publicações esparsas sobre os materiais do museu escolar, não há nenhum trabalho de visão mais global sobre essa questão, no Brasil.

Na literatura educacional encontramos obras que divulgam a relevância do museu escolar e ensinam maneiras de como criá-los no espaço escolar, a exemplo de Júlio de Lima Franco (1885); Maria da Glória Valente (1933); Paulo Monte (1933); Everardo Backheuser (1942); Antônio D'Ávila (1951); Afro do Amaral Fontoura (1964) e Firmino Costa [s/d]. Alusivo à formação de profissionais para atuar nos museus a partir de aplicação de cursos de museologia e expedição do decreto para instalação dessas instituições, são importantes a reflexão sobre a trajetória profissional, de Sólon Borges dos Reis (1956) e Vinício Stein Campos (1957).

Atualmente, os museus entendidos como espaços de preservação da memória patrimonial da escola têm eco nos estudos que dão seqüência à investigação da importância e da função desta instituição, como Diana Gonçalves Vidal (1999); Ana Maria Casasanta Peixoto (2004); Simona Misan (2005); Justino Magalhães (2007) e Maria Helena Câmara Bastos (2008).

As experiências dos trabalhos de Leontina Silva Busch e Bertha Maria Julia Lutz, que focalizam a formação de normalistas e ações educacionais entre o museu e a escola, na década de 1930, contribuem significativamente para conhecermos a importância do museu escolar para educação.

A escolha deste tema de pesquisa está diretamente relacionada à minha infância, minha formação e principalmente pela paixão que tenho por museus. Desde criança, tive a oportunidade de ouvir relatos da história mundial. Na casa dos meus “nonos” falava-se das conquistas dos romanos, das invenções dos italianos, da 2ª guerra mundial. Ouvia-se ópera nas tardes de sábado, folheavam-se livros com gravuras dos grandes monumentos, além, claro, das antigas fotos que contavam histórias de vida.

Entre os assuntos que vinham sempre à tona nas conversas em família eram os primos de minha avó que construíram o primeiro Parque Balneário em Santos, hotel que hospedou os grandes artistas nacionais e estrangeiros da época; de seus lindos salões e também o cassino, espaços que contribuíram para contar a história de Santos.

Falava-se ainda de meu tio-avô, Caetano Fraccaroli que era um escultor, e de suas obras que podem ser encontradas na Europa, em São Paulo, e ao longo da orla da praia de Santos, como a de Vicente de Carvalho, Saturnino de Brito, Padre Anchieta e poeta Martins Fontes etc.

Tudo isso foi aos poucos despertando em mim o amor pela História, pela arte e pelas instituições que a preservam e guardam objetos que contam nosso passado: os “Museus”. O tema Museu/Patrimônio sempre me fascinou primeiro, pelo imaginário e devaneio proporcionado pelo museu; em segundo pela minha paixão e formação em História. Acredito que a união dessas duas idéias tanto no seu aspecto de coleção facilitadora de aprendizagem como de “vitrine” das coisas do passado, poderá contribuir para História da Educação.

Por outro lado, como professora de Educação Infantil, reflito sobre o papel do museu na minha prática escolar.

Assim, ao me interessar por essa temática, surgiram indagações iniciais:

O museu como lugares da memória.

Quais foram as primeiras experiências brasileiras de museu escolar e o que pretendiam?

Que principais transformações essas instituições sofreram durante a sua longa caminhada? Como se encontra, hoje, a questão dos museus escolares?

Portanto o estudo do papel do museu escolar para a educação brasileira, como subsídio das práticas escolares na construção da cultura escolar.

Entende-se por cultura escolar:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10).

A escola trabalha com um conjunto de fazeres e saberes, exercendo uma negociação entre os indivíduos e cumprindo um repertório de práticas escolares. Ela também é um lugar de aprendizagem de conteúdos e torna-se uma formadora de hábitos e comportamentos saudáveis.

No prosseguimento das etapas estipuladas para esse levantamento, as experiências significantes do museu escolar na história da educação brasileira, anteriores a 1ª LDB (Lei de Diretrizes e Bases) trouxeram a idéia de que o museu escolar brasileiro surge a partir da sua presença nas exposições internacionais diversificadas. No séc. XIX encontramos legislação que comprova a tentativa de implantação desses museus no Brasil. O decreto de 19 de abril de

1879 afirma: “o governo poderá fundar ou auxiliar bibliotecas e museus pedagógicos, nos lugares onde houver escolas com cursos Normais”.

Para dar conta dos objetivos da pesquisa foram realizados buscas e estudos em livros, artigos e outros trabalhos acadêmicos. Os que mais se destacaram e que oferecem subsídios para o enriquecimento desta dissertação inicialmente foram o artigo de Ana Maria Casasanta Peixoto que faz uma nova releitura do Museu da Escola de Minas Gerais, museu esse que teve grande participação da própria autora para sua criação. No início do seu escrito, Peixoto (2008, p. 457) afirma sobre a importância do papel dos museus em geral para preservação de uma memória social do homem.

Em seguida faz uma descrição do acervo do museu e relata as impressões obtidas a partir das idéias dos agentes que visitam o museu, quando faz um alerta para que cada vez mais lutemos para melhorar a educação em nosso país.

O Museu da Escola de Minas Gerais é uma das instituições fundamentais para o levantamento e salvaguarda da história da escola mineira que vem de encontro com a necessidade de buscar novas formas de realizar o ensino e de formar cidadãos.

Para esta pesquisa o texto reforça a idéia inicial de que os museus pedagógicos ou escolares possuíam a finalidade de formar novos professores e renovar as práticas dos que já estavam atuando na carreira do magistério.

Outra função desses museus era contribuir nas aulas para o aprendizado dos alunos, proporcionando uma visão concreta do que o professor estava ensinando e não apenas uma aula expositiva, dentro do princípio do ensino intuitivo.

Conhecer a existência do museu que foi um marco da educação brasileira no final do séc. XIX e início do séc. XX traz para a pesquisa um enriquecimento e a constatação de que a presença dessa instituição exercia grande influência na instrução dos professores e na renovação do ensino.

Maria Helena Câmara Bastos é referência fundamental nesta pesquisa, pois estuda a história do primeiro museu pedagógico do Brasil e a sua importância para educação brasileira. Descreve as primeiras idéias e ações que deram origem ao Pedagogium, na cidade do Rio de Janeiro em 1890. O museu tinha a função de divulgar o que havia de mais atual no período para educação, com um rico acervo procurando implantar um modelo ativo de ensinar, imperante da Escola Nova.

O livro “Memória e Sombra” (organizado por Maria Cecília Cortez Christiano de Souza e Diana Gonçalves Vidal) descreve a importância da criação dos museus escolares para o desenvolvimento de uma pedagogia no séc. XIX. Diana Vidal aponta a diferença entre museu

pedagógico e museu escolar, além de detalhar quais objetos devem ser anexados ao segundo tipo de museu.

Contribuiu para o desdobramento da pesquisa a tese de doutorado de Simona Misan (2005). A autora refere-se à criação de Museus Históricos e Pedagógicos no Estado de São Paulo e sobre a função educativa dessas instituições, a importância da formação dos educadores que iriam assumir a chefia desses museus e a função educativa semelhante aos museus pedagógicos. A autora conta-nos que os primeiros quatro Museus Históricos e Pedagógicos foram criados em Piracicaba, Batatais, Guaratinguetá e Campinas.

A busca do levantamento e estudo da legislação e dos museus escolares e pedagógicos do final do séc. XIX à primeira metade do XX. Foi empreendida no CPP (Centro do Professorado Paulista), onde os livros de Leontina Silva Busch e Vinício Stein Campos foram localizados, além dos Anuários de Ensino do Estado de São Paulo (1935-1936) e (1936-1937) e o Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933.

Visitas também foram realizadas ao Centro de Memória – FEUSP e ao Museu Paulista para novas aquisições de materiais, como o primeiro contato com a obra de Bertha Lutz. O livro “A Função Educativa dos Museus”, obra focada nos relatórios da viagem de Bertha Lutz em visita aos museus norte-americanos, em 1932, chegou à primeira vez ao meu conhecimento na III Jornada de Memória e Arquivologia do Litoral Paulista, realizada pela Fundação Arquivo e Memória de Santos.

As varias participações no IX Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste – Anpedinha (São Carlos, 2009); no IX Congresso Ibero Americano de História da Educação Latino-Americana (Rio de Janeiro, 2009); no VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (São Luís do Maranhão, 2010), abriram novos olhares para o tema pesquisado e proporcionaram trocas com os colegas que também estudam sobre cultura escolar. Entre eles, destaco Paulo Rogério Marques Sily, que pesquisava “as coleções didáticas do Museu Nacional do Rio de Janeiro: produção e circulação na primeira metade do séc. XX”, coleções essas que eram confeccionadas para fazer parte dos museus escolares brasileiros.

Foram feitas buscas de acervos em algumas escolas para localizar instituições que tenham ou tiveram museus escolares, como o Colégio São José, de Santos. A biblioteca desse colégio mantém importantes obras como os Manuais Pedagógicos de Afro Amaral Fontoura; Antonio D’Ávila e Everardo Backheuser, adquiridas na época de suas edições.

Também ocorreu visita ao acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano em São Paulo, onde se pode constatar a importância dada ao resgate da memória escolar e às

formas de aplicação da educação patrimonial para seus alunos e se conheceu a experiência do Museu Escolar.

Na presente dissertação foram realizadas três experiências gratificantes de história oral, que possibilitaram o conhecimento da presença do museu escolar na cidade de Santos.

A história oral é a somatória das experiências, dos vínculos entre as pessoas e as suas memórias culturais nos grupos, na cultura e no coletivo. O indivíduo combina com autonomia fatores pessoais, biológicos e as influências do meio, que são culturais. Essas combinações são as experiências autênticas de cada um com que constroem a identidade comum.

Pensando na idéia de história oral desta maneira, foi que foram colhidos os relatos de Hilda Franco Brandão e Djanira Rangel (ex-alunas do colégio São José), sobre as atividades realizadas na instituição, sobre a presença dos Museus ou Laboratórios de História Natural, assim como o Museu Pedagógico para formação de professores nesta instituição.

A primeira entrevistada, atualmente com 93 anos, começou a estudar no Colégio São José em 1924, e em seus relatos descreveu o bom relacionamento com as colegas e Irmãs do colégio, assim como contou-nos sobre a organização de atividades e grades curriculares desenvolvidas pelos professores. Apresentou lembrança de ter visto salas que continham vastos materiais, a exemplo de mapas, globos terrestres e animais em estado de taxidermia.

A aluna Djanira Rangel, que se formou na Escola Normal São José em 1959, relatou a presença de uma sala que possuía a placa “Museu Pedagógico”, onde as futuras professoras preparavam materiais que eram usados por elas próprias e pelas educadoras do colégio para ministrar aulas no ensino primário.

A terceira entrevista foi com a senhora Lélia Busch Alves Carneiro em São Paulo, filha da Prof^a. Leontina Silva Busch, idealizadora do livro “Organização dos Museus Escolares”, fruto de seu trabalho junto às professorandas da Escola Normal Padre Anchieta, localizada no bairro do Brás em São Paulo.

Dona Lélia relata a história de seus pais que eram educadores e concentra-se no “Museu Didático” formado por sua mãe e suas alunas em 1936, experiência que deu origem ao livro sobre Museus Escolares.

Dentro do estudo desse material dividimos a presente dissertação em 3 capítulos.

No capítulo I, “o museu e a renovação da escola”, mostram-se as realizações dos primeiros museus, a partir das Exposições Internacionais e reflexões de Rui Barbosa, a formação do Pedagogium, no âmbito da renovação da aprendizagem na escola, principalmente em a introdução das “lições de coisas”. Também são apresentadas algumas experiências que ocorreram no passado e estão sendo resgatadas gradativamente, como o

acervos do Colégio São José de Santos, e o museu escolar e o memorial do Arquidiocesano em São Paulo.

Dando seqüência a esse capítulo, uma síntese das idéias sobre o museu escolar, dentro das novas instituições complementares de ensino no Código de Educação do Estado de São Paulo em 1933, documento esse que cumpriu o papel de instituir regras para a criação dessas instituições.

Os Museus Históricos e Pedagógicos apresentam-se também como mais uma forma de buscar maneiras de tornar possível a educação do povo e dá demonstração do trabalho de pioneiros para que esse ideal se concretizasse.

Finalizando o primeiro capítulo vemos as iniciativas de preservação da história da escola nos centros e museus criados nas universidades, a exemplo do Museu da Escola (MG); Centro de Memória (USP) e o Liame (UNISANTOS).

O segundo capítulo traz a experiência da paulista Bertha Lutz, que trabalhou no Museu Nacional no Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de realizar sua viagem de estudos sobre museus, nos Estados Unidos em 1932.

O terceiro e o último capítulo analisa a obra da educadora, também paulista Leontina Silva Busch, na sua atuação na Escola Normal “Padre Anchieta” em São Paulo em 1936, colocada em livro.

CAPÍTULO I

O MUSEU E A RENOVAÇÃO DA ESCOLA

O museu escolar deve ser colocado no contexto de inovações que se desenvolvem no final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos e que vão culminar no movimento da Escola Nova, durante a primeira metade do século XX.

Esse período até a segunda década do século XX no Brasil trouxe poucas inovações da Escola Nova para educação, segundo Nagle apenas “modesta infiltração destes ou daqueles procedimentos, ideias ou princípios; de outro, antecedentes no sentido de condições facilitadoras para a mais sistemática e ampla difusão posterior do ideário” escolanovista. (2001, p. 308.).

Projetos como o de Paulino de Souza (1870), João Alfredo Corrêa de Oliveira (1871) que traziam conceitos inovadores, nunca saíram do papel, mas deram sequência a um movimento de renovação para educação brasileira. O primeiro sugeria que o atraso da educação estava ligado à influência dos partidos políticos, apontava o valor de converter os conteúdos ensinados em “características regionais” (SANTOS, 1952, p. 496) e ainda destaca o ensino das primeiras letras e o secundário como fases importantes para instrução. Já João Alfredo, indicava três pontos relevantes para a reforma, “a obrigatoriedade do ensino primário; a instalação de escolas primárias de segundo grau e a criação, em cada município, de uma escola profissional primária” (Ibid., p. 496).

Nessa época entre outras realizações estão o Parecer de Rui Barbosa sobre a reforma do ensino primário (1883), instituída por Leôncio de Carvalho; a introdução do método analítico; a Exposição Pedagógica de 1883; a criação do *Pedagogium*, e a reforma da instrução pública paulista (1889).

Na Europa criavam-se as primeiras escolas novas independentemente uma das outra, evidenciando um momento universal de inovação pedagógica.

Em 1879, o governo imperial brasileiro decretava a chamada Reforma Carlos Leôncio de Carvalho sobre o ensino primário e secundário do Município Neutro da Corte e o superior

em todo o país. Em 1878, é eleito deputado Rui Barbosa, membro da Comissão da Instrução Pública.

A reforma Leôncio de Carvalho (1870), que dá continuidade à ideia de mudança para ensino, permaneceu em vigor por doze anos, sendo a última do período imperial. Nela foram dados os primeiros passos para reformulação dessas instituições, como a obrigatoriedade da instrução primária e “previa a criação de jardins da infância, escolas primárias mistas, bibliotecas, museus escolares, conferências pedagógicas e escolas normais das províncias com escolas primárias de aplicação e auxílio financeiro do governo central” (Ibid., p. 497).

Rui Barbosa, relator da Comissão de Instrução pública, apresenta os dois pareceres.

Representam eles, antes de tudo magistral tratado de pedagogia [...], onde se percebe a crença que nutria no valor da cultura e por isso, a compreensão do progresso social pela divulgação das ciências, das artes e das técnicas modernas de produção; e, por isso, também, a da aspiração de uma Pátria agigantada pela educação a serviço do povo. (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 57).

Os Pareceres de 1882 e 1883, escritos por Rui Barbosa apontavam a necessidade de mudanças imediatas para o ensino.

Indignado com a situação da escola brasileira, a falta de interesse de algumas autoridades, com o grande número de analfabetos e do pouco preparo dos mestres, elaborou os Pareceres de 1882, referente à instrução secundária e superior e o de 1883 que tratava do ensino primário e instituições complementares. Essa legislação “estabelece a liberdade de ensino, a laicidade da escola pública, a instrução obrigatória, define e estatue sobre a educação primária nos institutos preliminares e principalmente escola primária, [...], cria um museu pedagógico.” (PEIXOTO, 1933, p.233).

Nascem nessa época também reflexões do deputado sobre a criação de um Museu Pedagógico Nacional. Em 1883, Rui Barbosa emitiu um terceiro Parecer sobre o projeto do deputado Franklin Dória, que propunha a criação de um Museu Nacional Escolar.

A reforma de Leôncio de Carvalho de 1879 estabeleceu pela primeira vez no ensino primário brasileiro as noções de lições de coisas, no ensino das escolas normais.

“A lição de coisas, portanto, segundo a reforma, não acrescenta ao plano escolar um estudo adicional; impõe-lhe a aplicação ampla, completa, radical de um novo método: o método por intuição, o método intuitivo.” (BARBOSA, v.x, tII, p.215).

O professorado primário de um modo geral não tinha uma formação em Escola Normal, no Rio de Janeiro; vivia sem preparação técnica daí a necessidade de se divulgarem manuais de didática, sobretudo da metodologia do ensino intuitivo.

No Brasil, as obras de autores de pedagogia alemã, como por exemplo, Pestalozzi e Froebel, enfatizavam o ensino intuitivo.

Um dos grandes instrumentos de divulgação do método foi o livro de Calkins para Educação traduzido e publicado por Rui Barbosa.

Educar a vista, o ouvido, o olfato: habituar os sentidos a se exercerem naturalmente sem esforço e com eficácia; ensiná-los a apreender os fenômenos que se passam ao redor de nós, apreciarem na mente a imagem exata das cores, a noção precisa dos fatos, eis a primeira missão da escola e, entretanto, a mais completamente desprezada na economia dos processos rudimentares que vingaram em nosso país. (BARBOSA, X, II, 1985, p.52).

Dentre essas manifestações da penetração da Escola Nova no país, está o livro de Allison Norman Calkins (1822-1895), publicado na segunda metade do século XIX onde redigiu um formulário de lições com ideias inovadoras do ensino de Pestalozzi que teve muito êxito no mundo escolar, com papel importante na consolidação do ensino intuitivo. Traduzido por Rui Barbosa, esse manual publicado em 1886 instruía os professores em seu trabalho com o método lição de coisas, baseado nos princípios do ensino objetivo, a educação dos sentidos da criança.

O método intuitivo, na visão de Rui Barbosa, sanaria as deficiências acarretadas nos longos anos do ensino tradicional. Com base nos levantamentos feitos nos Museus Pedagógicos da Hungria, Holanda, França, Canadá, Rússia, Japão e Museu Escolar da Bélgica, além da análise das intenções dos Estados Unidos Rui Barbosa fomenta a ideia de museu. No “Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública de 1883”, evidencia a importância desses órgãos para a expansão do ensino, como vemos a seguir:

Os museus escolares, destinados a completarem, um em cada distrito, os meios coligidos, em cada escola, para o ensino prático e experimental. O fim destes estabelecimentos é oferecerem os recursos complementares da instrução pelos processos intuitivos. (BARBOSA, p. 200). O Museu Pedagógico Nacional é um estabelecimento, cujo desígnio seja figurar demonstrativamente o desenvolvimento histórico, a estatística, os recursos técnicos e a vida contemporânea da educação popular no país e no mundo. (Ibid., p. 201).

Contudo apesar de todo o empenho de Rui Barbosa em estudar a situação do ensino brasileiro e apontar novos caminhos para renovar a escola, no final do Império e no início da República, poucas coisas foram feitas para tornar isso possível, mas a perseverança de alguns políticos e educadores que defendiam o progresso da nação pela educação como José Joaquim

Menezes Vieira, Rui Barbosa e Benjamin Constant deram prosseguimento às tentativas de se criar uma educação melhor.

Com a República, a educação passa ser considerada como problema fundamental da nacionalidade. Reconhece-se a sua importância, não apenas como de preparação profissional, mas antes e, sobretudo, como meio de aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade. E procura-se passar do plano das cogitações teóricas para o plano das realizações concretas. (SANTOS, 1952, p. 499).

Essas ideias de melhorias do ensino foram difundidas em vários momentos da vida cultural do Rio de Janeiro, entre eles os trabalhos da Exposição Pedagógica de 1883.

As Exposições Universais, na segunda metade do séc.XIX, eram acontecimentos ligados ao progresso da industrialização, que tinham um sentido civilizador e apresentavam também materiais para um ensino renovado. Aconteciam em vários países da Europa e Estados Unidos da América e delas afloraram relatórios de educadores estrangeiros como Buisson, sobre a instrução primária na Exposição de Viena, e de Célestin Hippeau que escreveu sobre a instrução pública na América do Sul. (VIDAL, 2006, p.205). As exposições eram uma forma de divulgar os avanços alcançados principalmente na indústria e mostrar o que havia de mais moderno para educação.

Margarida Louro Felgueiras cometa que nesse século, os museus “promoveram exposições para escola e eventos dirigidos à divulgação da cultura entre as camadas populares. Assistiu-se mesmo à constituição de museus pedagógicos e industriais, cujo objeto principal era divulgação das inovações em nível popular como complemento dos conhecimentos obtidos nas escolas e de apoio ao desenvolvimento das indústrias locais.” (2004, p. 108).

A exposição realizada no Brasil na cidade do Rio de Janeiro (1883) “expressa claramente à importância dada à composição material da escola e o interesse dos intelectuais brasileiros pela renovação do ensino no final do Império.” (SOUZA, 1998, p. 224). Estavam presentes representantes da Europa e dos Estados Unidos que traziam na bagagem objetos próprios para facilitar a instrução.

Uma das escolas que se destacou entre os expositores brasileiros, foi o de Joaquim José de Menezes Vieira, o “Colégio Menezes Vieira”.

Os objetos, dispostos em salas, demonstravam as maiores inovações para escolas primárias, jardim de infância e escolas normais. Entre os materiais expostos, os destinados à escola de primeiras letras consistiam em:

Plano e arquitetura dos edifícios, bancos, bancos-carteiras, mesas, cadeiras, tábuas pretas e mais móveis apropriados para as aulas; alfabetos, silabários e quadros de leitura; cadernos e modelos de escrita; aparelhos gráficos e modelos de desenho; quadro para cálculo, contadores mecânicos e padrões do sistema métrico decimal; [...], coleções de geologia, mineralogia, botânica e zoologia; atlas e modelos

anatômicos; coleções de objetos para o ensino intuitivo. [...], Planos de biblioteca e museus escolares; [...]. (ATAS E PARECERES DO CONGRESSO DE INSTRUÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1884, Apud, SOUZA, 1998, p.225).

Nessa mesma época, dentro de espírito renovador, surgiram varias propostas de um Museu Pedagógico Nacional (Franklin Dória, Rodolfo Dantas).

Na Europa também se desenvolvia esse tipo de inovação. Em Portugal Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) instituiu um Museu Pedagógico em Lisboa entre os anos de 1882-1883 “Adolfo Coelho considerava que a função essencial de um museu pedagógico era constituir o suporte vivo do ensino ativo” (FERNANDES, 2004, p. 132).

As autoridades imperiais brasileiras têm noticia da existência de museus pedagógicos do Canadá, Viena, Budapeste, S. Petersburgo, etc.

Foi apresentado em proposta do deputado Franklin Américo de Menezes Dória (futuro barão de Loreto) em sessão de 3 de agosto de 1883: “ O Museu Escolar Nacional tem por fim fazer conhecer a história, a estatística e o estado atual do ensino primário em todos os graus, tanto em relação ao Brasil, como aos países estrangeiros (art.1º,§ 1º). O museu deveria ter uma exposição permanente e progressiva de tudo quanto for adequado ao seu fim, entre eles: mobília escolar, obras didáticas, instrumentos e aparelhos de ensino. Objetos da Exposição Pedagógica, inaugurada no Rio em 29/7/1883, deveriam ser encaminhados à organização provisória do Museu Escolar Nacional. (art.1º,§9º.) (BARBOSA, 1947, p. 187-189).

O Museu Escolar Nacional foi inaugurado em dois de dezembro de 1883, no Rio de Janeiro, com a participação de D. Pedro II, em data comemorativa do aniversário do imperador. Essa instituição e seu acervo:

Se tornariam nos anos seguintes um “modelo” às futuras iniciativas na implantação de pequenos museus escolares em Grupos Escolares, bem como a outras tentativas de criação de grandes museus pedagógicos, como o Museu Pedagógico Pedagogium (1890) e o Museu Pedagógico Central (1928).(MISAN, 2005, p.98).

O Museu Escolar Nacional ocupava cinco salões no prédio da Imprensa Nacional e o seu acervo dispunha de objetos doados por governantes e cidadãos de outros países e também pelos materiais que fizeram parte da Exposição Pedagógica Brasileira, como já dissemos, evento que tomou como modelo as exposições universais ou internacionais.

A ideia de um Museu Escolar e/ou Museu Pedagógico insere-se na representação da modernidade educacional brasileira, a partir da década de 1870, decorrente da participação nas exposições internacionais, do contato com publicações e de visitas a estabelecimentos. (BASTOS, 2008, p. 2).

Múltiplas foram as funções do museu refletidas na época:

1º. Mostrar a história do progresso do ensino no país apresentando documentos autênticos e meios figurativos.

2º. Apresentação das situações atuais sobre a educação partindo das paridades existentes.

3º. As coleções completas devem incorporar todo material técnico do ensino.

4º. As opções de modelos de mobília escolar deveram ser analisadas pelos educadores.

5º. Acoplar em exposição permanente todas as invenções e avanços da indústria nacional e estrangeira.

6º. Formar uma escola completa de higiene escolar a partir de meios como conferências, investigações e planos.

7º. O ensino público deve estabelecer uma troca de objetos, informações documentos e demais materiais importantes para seu desenvolvimento, vindo de outros estados brasileiros ou do estrangeiro.

8º. Proporcionar bibliotecas pedagógicas completas a favor educação nacional.

9º. Manter uma publicação da estatística sobre o ensino no Brasil e reunir os mesmos dados de outros países para enriquecimento da educação.

Era desejo das autoridades que estabelecimentos congêneres fossem criados nas províncias. O projeto de Franklin Dória (12/9/1883) elucidou graus de museus: a) Museu Pedagógico Nacional; b) Museus Escolares, cada escola deveria ter material oferecido pelo governo, recolhidos pelos professores e alunos, para o ensino prático e experimental.

Durante a sua existência, o Museu Escolar Nacional promoveu exposições de trabalhos confeccionados pelas crianças nas instituições escolares e possibilitou aos professores o conhecimento da produção educacional mais moderna de outros países. Entre os itens que eram encontrados no museu, podemos citar alguns como: mobílias inglesas, americanas, alemãs, cartas geográficas, globos terrestres, carteiras da Escola Imperial da Quinta da Boa Vista e a biblioteca, materiais esses, que fizeram parte posteriormente do *Pedagogium*.

Além dessas propostas, a Reforma Benjamim Constant, instituída 1890, transformou o conteúdo a ser ensinado nas escolas, “com destaque para a substituição de um currículo acadêmico por um currículo enciclopédico; a inclusão de disciplinas científicas; o estabelecimento do ensino seriado; a busca de maior organicidade ao sistema como um todo; a criação do *Pedagogium*”. (SILY, 2008, p. 3).

1.1 - O PEDAGOGIUM.

O *Pedagogium* constituiu-se a partir da inclusão do acervo do Museu Escolar Nacional, primeira instituição desse gênero na cidade do Rio de Janeiro.

Criado em dezesseis de agosto de 1890 foi “o primeiro museu pedagógico da República” (MISAN, 2005, p. 99), possuía objetos recomendados por Pestalozzi, Mme. Pape-Carpentier e Froebel para o ensino dos pequeninos.

Esse museu foi aparelhado a partir de relatos de educadores que realizavam as chamadas viagens pedagógicas em busca de modelos para reformar o ensino no Brasil, a exemplo do professor Antonio Herculano de Souza Bandeira, que em visita em 1880 ao *Pedagogium*, que existia em Viena, encontrou um estabelecimento que se destinava a instruir os professores primários por meio de cursos em seus gabinetes de química, física e história natural, além de possuir uma escola pública para o treinamento pedagógico. Durante suas observações o professor Bandeira vislumbrou a possibilidade de aproveitar a mesma ideia para os professores brasileiros. (GONDRA, 2007, p. 83).

O desenvolvimento do plano de criação do museu pedagógico, o *Pedagogium*, foi resultado do trabalho de seu diretor Dr. Joaquim José Menezes Vieira que o tornou uma instituição de referência dedicada à formação do professor e modelo de renovação do ensino.

O decreto nº. 980, de 1890 regulamenta o *Pedagogium* e o define como um centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carece a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares os meios de instrução profissional de que possam carecer a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado. (BASTOS, 2008, p. 5).

O seu organizador era diretor do Colégio “Menezes de Vieira”, onde desenvolvia juntamente com sua esposa as técnicas de ensino de Froebel e Mme. Pape-Carpentier. Participou em Paris do Congresso Internacional do Ensino Primário, evento que possibilitou conhecer novas ideias e o trabalho que estava sendo feito no Musée Pédagogique, que mais tarde veio a desenvolver no *Pedagogium* e em sua escola.

Menezes Vieira (1851-1897), médico e educador com formação em humanidades no Maranhão e Medicina no Rio de Janeiro, onde se especializou em ‘doenças do ouvido’, participou como sócio fundador de instituições beneficentes ligadas aos intelectuais em prol da educação popular [...], lecionou no Instituto de Surdos Mudos (1872-1888); fundou e administrou o primeiro Jardim de Infância (1875-1887) e a convite de Benjamin Constant dirigiu o *Pedagogium* entre os anos de 1890-1897. (BALDAN, 2006, p. 209).

No colégio de Vieira eram experimentadas as novidades vistas em suas excursões pedagógicas, que resultavam na boa formação de garotos do maternal ao secundário:

Introduzindo o ensino profissional e certas inovações pedagógicas, tais como a ginástica e o museu escolar, encontrados na literatura especializada e atuação como discípulo de Pestalozzi, Froebel, Girard, Mme. Pape-Carpantier, adaptando-os a realidade e necessidades do país. (BALDAN, 2006, p. 209).

A experiência no campo da educação permitiu que Menezes Vieira recebesse “muitos prêmios decorrentes da participação em eventos nacionais e internacionais” (Ibid., p. 209), tornando possível o cargo de dirigente do *Pedagogium* no Rio de Janeiro.

A referida instituição promovia cursos e conferências que tratavam de temas inovadores nas áreas de matemática, física e história natural, métodos que auxiliavam a montar as aulas dos professores. Eles participavam de cursos e ajudavam a organizar exposições dos trabalhos de seus alunos que, dessa forma, teriam melhor formação dos profissionais com benefícios para as crianças.

Com a finalidade de divulgar os progressos de aprendizagem nas escolas, anualmente, ocorriam, nos salões do *Pedagogium*, exposições que mostravam a dedicação dos professores para com seus alunos e os programas que estavam sendo desenvolvidos nas instituições escolares.

Junto ao museu pedagógico, cinco anos depois de sua criação, foi vinculada uma escola modelo (1895) e sua intenção era servir de laboratório de experiências dos professores em sua formação, seguindo o conteúdo destinado para escola publica realizações dentro do espírito escolanovista.

O museu realizava a publicação de obras e periódicos; mensalmente editava a “Revista Pedagógica” (1890-1897) que possibilitava aos professores tomarem ciência de atos oficiais do ensino; textos referentes às conferências e aos cursos ministrados e experiências de educadores brasileiros e estrangeiros. (BASTOS, 2008, p.7).

Além das publicações, o museu realizava pesquisas sobre a situação do ensino no país com intuito de contribuir para disseminação de novos museus escolares nos ambientes escolares. Possuía também uma biblioteca permanente e circulante, que permitia aos professores fazerem retiradas de livros para o seu aperfeiçoamento.

O *Pedagogium* pretendia multiplicar-se em vários Estados do país e organizar Museus Escolares nas escolas que deveriam servir para o desenvolvimento de “lições de coisas”.

Entretanto, tem-se notícia de poucas instituições congêneres: em Alagoas (1891) e em São Paulo, o Instituto Pedagógico Paulista, em 1895.

Numa fase muito difícil para instituição, o *Pedagogium* fechou em janeiro de 1898 para reabrir em setembro do mesmo ano, mas finalmente em 1919 é extinto. Seus propósitos não são esquecidos com sua extinção, pois em 1937 é instituído o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) que dá continuidade às funções desenvolvidas pelo *Pedagogium*, como a organização de documentos, troca de experiências com outros países, realizar pesquisas e prestar auxílio para escolas estaduais, municipais e particulares.

1.2 - NOVAS IDEIAS EDUCACIONAIS NA REPÚBLICA.

No final do século XIX, o Brasil passava por mudanças significativas na política e na economia que se refletiram também na educação. No Império, foram implantadas poucas instituições: há exemplo dos cursos normais, Jardins de Infância e o Colégio Pedro II, destinado ao preparo dos alunos para cursar o ensino superior; “somente esta instituição tinha o privilégio de conferir o grau de Bacharel aos estudantes, título necessário para o ingresso nas universidades brasileiras” (SILY, 2008, p. 3).

No final do período imperial aconteceram fortes divergências de pensamento a respeito da educação, fundamentadas no péssimo estado do aparelhamento das instituições, dando oportunidade para ideias de “uma política nacional de educação”, assim com a instituição do regime republicano que “recebe uma herança caracterizada pelo fervor ideológico, pela sistemática tentativa de evangelização: democracia, federação e educação constituíam categorias inseparáveis apontando a redenção do país”. (NAGLE, 1977, p. 261).

A Proclamação da República, o fim da escravidão e a chegada dos imigrantes transformaram o cenário do país, que até então concentrava o poder nas mãos dos grandes proprietários de terras:

A afirmação da mão de obra livre e remunerada e a crescente chegada de imigrantes, principalmente nas regiões sudeste e sul do país, implicaram em mudanças nas relações de trabalho e produção no campo, assim como nas cidades, com destaque para o desenvolvimento industrial, contribuindo para ampliar e diversificar a economia, a sociedade e a cultura brasileira, criando novas demandas sociais. (SILY, 2008, p.3).

A educação brasileira incorporou essa ideologia de renovação que “os reformistas fazem coincidir continuamente a reforma com o novo, o novo com o moderno, o moderno com o progresso e o progresso com as melhorias que advirão com as reformas” (FARIA FILHO, 2010, p. 21).

A educação começou apresentar-se como “um instrumento de ascensão social”, sendo “valorizada como um processo educativo a partir da revolução industrial na Europa, que passou a exigir que um maior número de pessoas soubesse ler e escrever”. (PAIVA, 1973, p.26). A educação até esse período destinava-se à elite e em condições precária ao povo.

A necessidade de transformação da sociedade impulsionada pelo “desenvolvimento da grande indústria na Europa” (MACHADO, 2005, p. 91), trouxe choques de pensamentos entre os que buscavam adaptar o país às inovações e os que desejavam que a nação caminhasse nos mesmos trilhos, conservando o poder nas mãos da elite cafeeira, permanecendo o povo analfabeto.

Segundo Marta Carvalho, o professor Jorge Nagle faz críticas ao chamado “entusiasmo pela educação” (NAGLE, 1977, p. 262), resultado de uma ideologia romântica para resolver as defasagens educacionais ocasionadas pelo sistema econômico que regia o país, oligarquia, que rejeitava as ideias de se criar condições para educar o povo. (1997, p. 117).

A ideologia do “entusiasmo pela educação caracterizado por preocupações eminentemente quantitativas em relação à difusão do ensino, visava à imediata eliminação do analfabetismo” (PAIVA, 1973, p.27), o papel da educação como condutora das soluções dos problemas da discrepância educacional da nação “começa a ser percebido como o principal problema nacional que, uma vez resolvido, conduziria à solução dos demais” (p. 28).

Assim a educação ganha status no pensamento dos intelectuais e políticos que a visualizavam como um “importante instrumento de ascensão social” (PAIVA, 1973, p. 26).

Com a Proclamação da República, a ideia de ordem e progresso instituída no país, a escola apresenta-se como uma instituição que detinha o poder de tirar a nação da escuridão e propiciar um “futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o progresso”. (CARVALHO, 1989, p.23).

A educação determinava ares de grandiosidade, de culto ao olhar, de se deixar ver, admirar, dando noção de evolução e desenvolvimento:

Daí os edificios necessariamente majestosos, amplos e iluminados, em que tudo se dispunha em exposição permanente. Mobiliário, material didático, trabalhos executados, atividades discentes e docentes – tudo devia ser dado a ver de modo que a conformação da escola aos preceitos da pedagogia moderna evidenciasse o Progresso que a República instaurava. (CARVALHO, 1989, p. 25).

Nessa trajetória de modernidade e visualização material para o progresso, o museu escolar mostrava-se como instrumento de formação de novos professores e aparelho condutor do processo educativo das crianças.

Em contrapartida o outro termo, também elucidado por Nagle, o “otimismo pedagógico”, em época mais adiante diferentemente do “entusiasmo”, apresentava a “preocupação com o funcionamento eficiente e com a qualidade dos sistemas de ensino ou dos movimentos educativos e seus representantes que têm se dedicado aos problemas de administração do ensino, preparação dos professores, reformulação e aprimoramento de currículos e métodos.”. (PAIVA, 1973, p. 30).

A ideia de “realismo em educação”, diferentemente das categorias anteriores, mostrava um descontentamento com a situação da educação no Brasil e por esse motivo valorizava a formação integral do ser, “os seus representantes formam um grupo bastante diferenciado” que visavam “à preparação do homem para tarefas específicas (sociais, econômicas e políticas)” (Ibid., p. 31).

Esse grupo propunha posições opostas e de resistência, “do ponto de vista político”, principalmente por ser a preocupação com o social, o aspecto mais importante desse movimento, surgindo assim, uma terceira categoria de análise da educação, (das reflexões de Vanilda Paiva). O “realismo em educação”, que se ocupava em pensar sobre as questões da qualidade de ensino. (Ibid., p.31).

As três categorias: entusiasmo pela educação, otimismo pedagógico e realismo em educação, comungavam dos mesmos propósitos para a melhoria do ensino tendo como base duas características como cita PAIVA:

Uma delas a preocupação humanista, a educação como meio para realização do homem, a defesa da educação – obrigatória e gratuita – para todos; a outra é a preocupação em promover a participação popular nas decisões políticas (embora o caráter desta participação ou mesmo a forma de sua promoção varie de um grupo para outro) (PAIVA, 1973, p.35).

Segundo Vanilda Paiva, o “entusiasmo pela educação” passa a ser deixado de lado quando surge à circunstância de “luta pela conquista do poder político”, já os que permanecem “entusiastas da educação” são os indivíduos que “estão fora dos centros decisivos de luta pelo poder”, e é nesta conjuntura que nasce às mobilizações nos anos vinte, “dos primeiros profissionais desse campo, cuja reivindicação quantitativa prende-se aos ideais educativos de universalidade do ensino elementar”.(p.39). Esses movimentos aconteciam na tentativa de criar melhores condições de trabalho e principalmente era uma forma de resistência à permanência dos privilégios das camadas sociais abastadas (oligarquia cafeeira), que continuavam a receber uma formação qualificada, enquanto o povo em geral muitas vezes estudava em escolas precárias.

Se nos reportarmos para tipos de culturas escolares referidas por Benito Escolano, que distinguiu as “três áreas da memória da educação” como grandes influenciadoras da rotina escolar, poderemos associar as práticas dos professores e as ações de alguns políticos, como uma batalha constante para possibilitar o avanço das condições de educação para o povo, segundo os interesses de cada categoria (ESCOLANO, 2005, p. 43 e 44).

As tentativas de mudanças na área educacional na Espanha, como relata Escolano, são fruto da cultura empírica produzida pelos educadores em suas práticas escolares; da cultura acadêmica construída a partir das investigações dos pesquisadores e da cultura de organização escolar, por meio de leis instituídas pelos políticos. No Brasil ao longo dos séculos XIX e XX, também. “as culturas construídas em torno da escola condicionam os processos de reforma e mudança na educação”. (Ibid., p. 41)

Essas mudanças proporcionaram o enriquecimento das práticas dos educadores que começavam aos poucos a vivenciar as inovações da educação, a partir das experiências vistas em outros países pelos educadores nas excursões pedagógicas, a exemplo de Bertha Lutz. Esses professores muitas vezes presenciaram empecilhos políticos, causando descontentamentos pelo não cumprimento das ideias de renovação do ensino, tão propagadas pelos republicanos, obstáculos esses condicionados aos interesses particulares de algumas camadas sociais do Brasil.

O panorama educacional, após a primeira guerra mundial, era conturbado, por altas taxas de analfabetismo num momento de grande desenvolvimento urbano e industrial das cidades e pelas reivindicações da nova classe social, a classe média. A burguesia pensava a escolarização amparada nas ideias de formação da sociedade cafeeira, voltadas para “a educação acadêmica e elitista e desprezam a formação técnica, considerando inferior.” (ARANHA, 1996, p. 198). O que agora era colocado em dúvida.

Numa tentativa de reduzir “o atraso brasileiro”, é criada em 1924 a Associação Brasileira de Educação (ABE), por uma união de educadores formados pelas diversas áreas como a medicina, engenharia, educação e advocacia que se mostravam descontentes com o sistema republicano e acreditavam na ação da educação para solucionar os problemas do Brasil. Essa associação proporcionou, para educação brasileira, diversas colocações que modificaram gradativamente a estrutura do ensino “promovendo inquéritos, debates, cursos e, especialmente, organizando congressos nacionais de educação. A Associação Brasileira de Educação constituiu-se, sem dúvida, na principal instância em que se gestaram as políticas educacionais que se desencadearam a partir de 1930” (CARVALHO, 1997, p. 115).

Em 1932, intelectuais que se mobilizavam para os avanços no campo da educação como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, conduzem a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação”. Esse documento “combatia a escola elitista e acadêmica tradicional, que se achava sob o monopólio da Igreja”, e argumentava sobre a importância da inclusão do ensino na “laicidade e a coeducação”, influenciados pelas ideias de Dewey, Durkheim, Kilpatrick, Decroly e Kerschensteiner. (ARANHA, 1996, p. 198).

Com esse ideal de educar o povo, já a partir do final do século XIX, instituições auxiliares começaram a colaborar unida à escola. Entre elas o museu escolar que deveria desempenhar o papel de aumentar as habilidades da criança, colocando-as em contato direto com os objetos que enriqueceram as aulas, substituindo a utilização exclusiva do ensino repetitivo e livresco:

A biblioteca, o museu e o laboratório são outros auxiliares preciosos que vieram colaborar com a escola. Nem hoje se compreende esta sem a observação do maior número possível de exemplares próprios para ilustrar as lições, e sem a experimentação que os instrumentos e aparelhos facultam para comprovar os fatos. (COSTA, s/d, p. 195).

A ilustração das disciplinas trabalhadas em sala de aula, designadas lição de coisas, dependia da elaboração dessas instituições auxiliares. As escolas com seu papel de ensinar o presente inseriram em seu espaço “lugares de memória” (VIDAL, 1999, p.111), que davam significado à pedagogia dos sentidos.

As jovens que frequentavam os cursos de formação de professores nas Escolas Normais adquiriam a teoria e a prática necessária para bem ensinar seus futuros alunos.

As bibliotecas das Escolas Normais possuíam no seu acervo obras importantes, que os educadores dessas instituições empregavam em sua metodologia de ensino, os manuais pedagógicos brasileiros, que apresentavam orientações para futuras professoras.

A Escola Normal São José, fundada em 1924, localizada na cidade de Santos, a exemplo das outras escolas da capital, também utilizava esses livros, que são encontrados até os dias de hoje, em sua biblioteca.

Outra experiência de criação de um museu pedagógico ocorreu nos anos vinte, trazendo objetivos diferentes das primeiras instituições museológicas da educação.

O Museu Pedagógico Central foi constituído na reforma da educação da cidade do Rio de Janeiro, realizada por Fernando de Azevedo em 1928. Organizado por Everardo Backheuser, destinava-se a “informar e esclarecer o professorado” (VENÂNCIO FILHO, 1941, p. 129).

O Planejamento do museu obedeceu a dois sistemas, o primeiro reservado ao acervo de ciências, astronomia, biologia, física, que não diversificava suas coleções, e o segundo de exposições itinerantes, de produtos variados, café, borracha, mate, promovendo conhecimento aprofundado para os educadores.

Esse museu baseava sua constituição nos alicerces do movimento da Escola Nova. Diferentemente das instituições fundadas no final do século XIX, a participação dos educadores na formação de seu acervo museológico denotava ação de grande valor para educação:

O conceito atribuído ao Museu Pedagógico de instrumento que permitia o desenvolvimento de um trabalho comunitário, que visasse à reunião de esforços para um ideal comum, estava no cerne das ideias promovidas pelo movimento da Escola Nova, que já começava a ser delineado com maior clareza, no final da década de 1920. (MISAN, 2005, p. 101).

Portanto, neste período o museu escolar significava a busca pela construção de uma nação moderna, a partir da instrução de seus professores e do povo em geral.

As ações dos pioneiros da educação que investigavam as novas formas de ensinar, em suas viagens de estudo, oportunizaram a abertura para o conhecimento das técnicas, que neste momento foram os museus escolas e pedagógicos. Nasceram assim alguns exemplares dessas instituições em diferentes momentos históricos, que contribuíram para a renovação do ensino brasileiro.

1.3 - O MUSEU ESCOLAR EM OBRAS PEDAGÓGICAS.

Distribuídos nas diversas disciplinas como Sociologia da Educação; Psicologia da Educação; Trabalhos Manuais, História da Educação e Pedagogia, essas obras ensinavam como desenvolver a prática cotidiana em sala de aula, entre elas “Fundamentos da Educação” de Afro do Amaral Fontoura; “Práticas Escolares” de Antonio D’ Ávila e “Manual de Pedagogia Moderna” de Everardo Backheuser, manuais de educação que em seu conteúdo abordavam a formação dos museus escolares e sua importância para realização da aprendizagem.

Backheuser, quando se referia aos museus escolares, leva a crer que havia diferenças entre os museus da escola tradicional e da renovada.

O museu escolar na Escola Nova não é ser idêntico ao da escola tradicional. Nesta, estando a escola preocupada essencialmente com o ensinar, o museu que lhe adapta é apenas

o museu de história natural, com algumas pedras, alguns vegetais, alguns animais. (BACKHEUSER, 1942, p. 344).

O ensino das ciências, influenciado pela filosofia do positivismo, valorizava a observação e as outras etapas da experimentação. Era importante para ensinar o aluno a ter ideias próprias. Daí a multiplicação desses Museus de História Natural.

Assim os Museus de História Natural, presentes nas escolas tradicionais após a introdução do método intuitivo e reformulação dos conceitos de ensino, deixam de ter caráter apenas de instrução para se tornarem educativos.

O “Manual de Pedagogia Moderna”, obra que fazia parte de uma série de livros voltados para literatura educacional, abordava temáticas para aperfeiçoamento dos professores. “Os temas tratados por Backheuser nesse texto são as doutrinas e as aplicações práticas na Escola Nova, a cooperação, o educar ‘para a vida e pela vida’, o papel do mestre na Escola Nova.” (BARREIRA, 1999, p. 180).

A importância da criança em conhecer um elemento no seu aspecto científico, artístico e econômico é ressaltada nessa obra de Backheuser. Por exemplo, para estudar o algodão, devia-se explorar “a semente, o fruto, a fibra do algodão, as folhas ou galhos, a máquina de fiar e teares, as regiões algodoeira nos mapas” (BACKHEUSER, 1942, p. 345), esmiuçando o tema analisado e oportunizando uma formação completa dos alunos em diversos assuntos. Ele também sugeria que o museu escolar possuísse em seu recinto objetos de exaltação à Pátria, aspecto importante para despertar amor patriótico nos pequeninos.

Backheuser¹ aponta instruções úteis para elaboração do museu de classe; museu de escola e o museu central. Esses três tipos de museus eram previstos no Código de Educação do Estado de São Paulo e nos livros voltados para educação que se orientavam por essa norma, trazendo maneiras de criá-los. Traziam indicações parecidas de formação. Os dois primeiros são voltados à criança e o museu central, ao papel de aperfeiçoar professores.

¹ Nascido em Niterói em 1879, Everardo Adolpho Backheuser, segundo Barreira (1999, p. 332), foi atuante na militância católica, na política e na educação. Participou em sindicatos e associação de movimentos da congregação de professores católicos. No Rio de Janeiro na política administrativa exerceu vários cargos. Companheiro militante de Backheuser, pela renovação da escola, Francisco Venâncio Filho em seu livro “A Educação e seu Aparelhamento Moderno”, escreve sobre o trabalho concretizado por seu colega frente ao museu: “Entre as realizações mais felizes da Reforma do Ensino do Distrito Federal, de 1928, estava a do Museu Pedagógico Central. Confiada a um espírito com capacidade realizadora, servida de cultura geral, o professor Everardo Backheuser.” (1941, p. 142). Backheuser foi diretor do Museu Pedagógico Central do Rio de Janeiro. Das muitas funções em que atuou o Professor Everardo Backheuser, como lecionar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e Colégio Pedro II, a de escritor também tivera grande importância na sua trajetória de vida. Escreveu para vários jornais, revistas educativas e publicou livros de diferentes assuntos.

Esses museus, integrados à pedagogia da renovação das instituições escolares, organizavam-se em forma de exposições constantes, compreendendo todos os saberes: “deverão os museus escolares ter feição nitidamente social, moral e cívica, sem prejuízo da parte científica, artística e econômica.” (BACKHEUSER, 1942, p. 345). Esses acervos precisam proporcionar que o aluno aprenda a formar ideias próprias, a partir da observação e manuseio desses materiais. A colaboração constante dos professores, alunos e da comunidade em geral - que poderão participar com doações de objetos e pequenas quantias de dinheiro para caixa escolar - permite a aquisição de objetos diversificados. A ligação das ciências naturais e os museus escolares são demonstrados no livro de Afro do Amaral Fontoura², como recurso de grande valor para o ensino nas escolas primárias.

As ciências naturais proporcionam um aprendizado ativo que motiva a curiosidade da criança para conhecer o mundo que a rodeia, levando a respeitar os seres vivos e a desenvolver a competência de observar, aprimorando os sentidos humanos. Essas classificações também estão presentes na estruturação do museu escolar.

As Ciências Naturais devem ser promotoras do aperfeiçoamento dos cinco sentidos e da criação dos conceitos científicos. As crianças precisam conhecer e respeitar os recursos naturais, os animais e plantas, além de aprender a resolver questões práticas do seu cotidiano fora da escola.

Para o pleno desenvolvimento dos objetivos dessa disciplina é essencial à participação motivada dos alunos nas atividades na coleção de objetos e confecção dos mesmos; ele deixou de ser somente um ouvinte, para passar a ser o construtor de seu conhecimento.

O museu escolar precisa ser organizado com dedicação, tendo um aspecto significativo aos alunos como nos indica a fala de Amaral Fontoura:

O museu escolar, porém, não deve ser um repositório mudo e estático de cadáveres de animais e plantas, mas ao contrário, uma instituição dinâmica e palpante. Em vez de armazenar objetos raros e seres exóticos, que nenhuma significação tem para a criança e por onde ela passa sem olhar, deve o museu ser o resultado do trabalho pessoal dos alunos, de suas excursões pela redondeza, ostentando também objetos e aparelhos confeccionados pelos próprios alunos. (1964, p. 221).

² Antonio Afro Amaral Fontoura era o representante da Escola Viva, uma vertente católica da Escola Nova. Autor de grande expressão na época, seu trabalho pautava-se basicamente no estudo da criança e no seu desenvolvimento. (SCHELBAUER; SILVA; ROSIN, 2008, p. 10).

É fundamental que essa instituição mantenha a curiosidade viva das crianças. E para que isso aconteça, no começo do ano os objetos devem ser confeccionados ou colecionados novamente, descartando os existentes, para dar início a uma nova pesquisa que terá

significação ao aluno. Já o acervo raro deve ser conservado próximo para o manuseio dos mesmos, em estantes e não armários trancados, só assim efetuaram seu papel no ensino.

Outro autor importante para a difusão dos museus escolares é Antônio D'Ávila que faz apontamentos sobre a capacidade da observação das crianças e a importância de se ensinar esse aspecto para sua evolução pessoal e social. A habilidade de ver para aprender inicia-se espontaneamente, por isso necessita ser direcionada para, pouco a pouco, tornar-se uma análise do mundo que a rodeia.

O manual escrito por D'Ávila, "Práticas Escolares", traz sugestões de situações problemas e trabalhos práticos, para serem estudados pelos alunos, exercitando a observação, questionamentos sobre várias espécies de aves; animais e vegetais.

Como em outros compêndios, o museu escolar ganha especial destaque também com esse autor, reafirmando a relevância de seus materiais para o desenvolvimento das aulas de ciências naturais e utilização do método intuitivo.

Segundo ele, o museu escolar precisa ser compreendido no seu papel, aparelhamento e funcionamento. Essa instituição exercita a função importante na educação e nas escolas onde são criados, por meio de materiais que possibilitam o ensino concreto de coisas vistas e tocadas pelas crianças. O agrupamento de materiais próprios à concretização das aulas e sua organização deverá respeitar as características de cada escola, podendo:

Em linhas gerais, contudo, traçar um plano sumário dessa organização, dentro dos seguintes pontos: a) coleta, seleção, classificação, nomenclatura e arranjo do material; b) catalogação; c) arranjo de documentos, gráficos, cartazes, aparelhos, folhetos, jogos, etc. (D'ÁVILA, 1951, p. 114).

As etapas desse trabalho devem ser realizadas pelos próprios alunos que receberam instruções de seus professores, continua D'Ávila³: observando que, além disso, o museu deve despertar na criança o gosto de colecionar. É de extrema importância que essa instituição separe um canto para colocar materiais referentes à cidade que o abriga, tais como: mapas, panfleto de pontos turísticos, gravuras de recursos naturais e benfeitorias construídas pelos homens, como meios de transporte, enfim tudo que traga um panorama do município onde o aluno mora.

³ O Prof. Antonio D'Ávila, nasceu em Jaú, São Paulo, a 13 de julho de 1903 e faleceu em 1989. Estudou na Escola Normal da Praça, completando seu curso em 1920. Lecionou e foi diretor em diversas escolas, entre elas a Escola Rural de Irapé; Escolas Reunidas e a Escola Normal Livre de Santa Cruz do Rio Pardo. No seu vasto currículo ainda consta Conferências e Palestras proferidas por ele e livros publicados.

Entre as sugestões da organização de um acervo, ele comenta que os museus precisam ter diferentes materiais, produtos vindos do comércio, fábricas, do campo; maquetes, jogos;

documentos em formato de revistas, livros e catálogos, além de cartazes que permitam que o educando perceba aspectos da área rural e da urbana.

Portanto os objetos existentes nesses espaços precisam ser utilizados, renovados e úteis promovendo a construção do conhecimento, a partir de “aprender fazendo”; princípio importante da Escola Ativa. O ensino concreto voltado para o olhar sobre os objetos que formam os museus escolares esclarece questionamentos sobre as formas, as diferenças e semelhanças do que é mostrado nas aulas.

1.4 - NA BUSCA DE MUSEUS ESCOLARES.

Esta pesquisa tentou buscar vestígios da existência de museus em escolas, na primeira metade do século XX.

Nas investigações empreendidas no Colégio São José de Santos e no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, foram achados fotos e objetos que contam a história do passado dessas instituições.

Um dos exemplos são os objetos e animais taxidermizados que fizeram parte dos museus e laboratórios de ciências naturais do Colégio São José e a foto do Museu Pedagógico da Escola Normal dessa mesma instituição, que tinha a função de exercitar as professorandas.

Mário Gonçalves Viana observa que os museus escolares muitas vezes eram conhecidos nas instituições, onde foram constituídos, com nomes variados, nem sempre como museu.

Os museus parciais assumem, por vezes, o aspecto de laboratórios ou de gabinetes. Estas salas especiais apresentam não só aparelhagem (quando se trata de materiais que a exijam), mas, também quadros parietais, mapas, coleções de fotografias, obras sobre a especialidade, gráficos etc. (1953, p.491).



1. Fachada do Colégio São José – Santos – São Paulo (1935)

Os documentos escritos sobre o Museu de História Natural e Pedagógico do Colégio São José, importantes instrumentos de aprendizagem, até o momento não foram encontrados nos arquivos da escola. Podemos provar a existência desses espaços, através de outras formas de documentação, (fotos e depoimento).

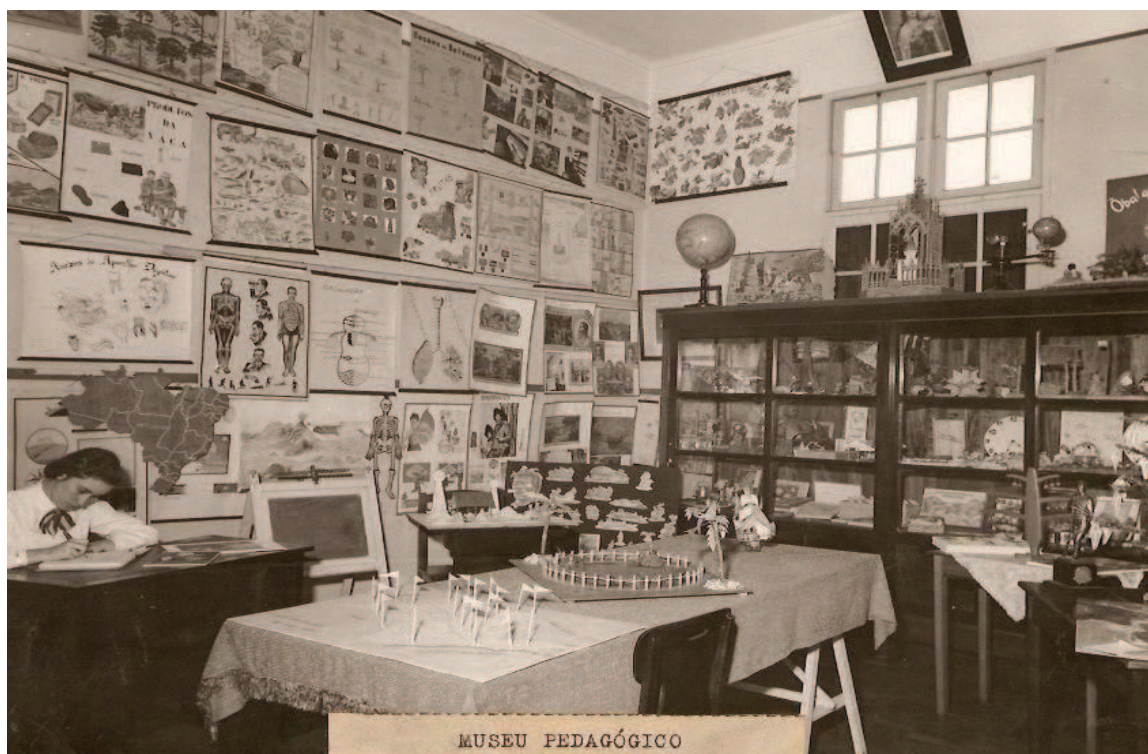
Apenas o decreto sobre a equiparação das escolas normais livres de 17/12/1930, determinava em seu Art. 3º “letra E” a exigência de a escola “possuir mobiliário adequado, gabinete de ciências físicas naturais, biblioteca especializada e material didático”. (DECRETO, livro 61, p. 20).

Apesar do decreto não apontar especificamente o museu escolar, fica subentendido nas palavras “gabinete de ciências físicas naturais, biblioteca especializada e material didático”, a possível presença desses materiais que eram utilizados por professores e alunos, fato que se comprova a partir das fotos em salas do colégio. (fotos 2 e 3).

Ex-aluna do curso normal, Djanira Rangel, turma de 1959, informou que o Museu Pedagógico era constituído por materiais preparados pelas próprias alunas do curso de formação de professores. Esses objetos eram usados depois em suas aulas experimentais na escola primária anexa à Escola Normal e também pelas professoras titulares. Já nas outros espaços visualizados nas fotos, há vasto material próprio para a constituição de um Museu de História Natural ou Gabinete de Ciências Naturais. (foto n. 3).

Entre os materiais preparados pelas normalistas, encontravam-se cartazes temáticos e objetos confeccionados com papel machê, de assuntos variados como: aparelho respiratório, a

vida dos índios, corpo humano, vulcões, mapas, cubos, cones, esferas e ilustrações de livros, que podem ser visualizados nas fotos correspondentes entre os anos de 1924 a 1935 (datas imprecisas).



2. Museu Pedagógico, foto. Acervo do Colégio São José



3. Museu de História Natural, foto. Acervo do Colégio São José.



4. Sala de Aula: com a presença do museu ao fundo, foto. Acervo do Colégio São José.

Atualmente o que restou do acervo visto nas fotos, estão guardados e preservados no Laboratório de Química da própria instituição.

Nas fotos abaixo apresentamos alguns exemplos desse acervo.



(5)



(6)



(7)

Acervos do Colégio São José, atualmente no Laboratório de Química – Santos-SP.
5 jul.2010. (fotos 5/6/7).

Também se encontrou material museológico no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, localizado na Vila Mariana, que iniciou suas atividades no bairro da Luz em 1856 e apresentava-se como Seminário Diocesano. Em

1858, passou a receber alunos que não desejavam seguir o sacerdócio, por esse motivo tornou-se Colégio Diocesano. Os maristas assumiram o Colégio Diocesano em 17 de fevereiro de 1908. (NADAL [s/d] p. 4).



8. Pátio interno do Colégio Arquidiocesano em São Paulo – Ecos 2008.

“Para os maristas, a educação baseia-se numa formação integral, que se propõe a ensinar valores, por meio de exemplos de vida” (NADAL [s/d] p.7). Pensando nesses ideais de educação, durante a visita ao Colégio Arquidiocesano em 22/03/2010, pude perceber realmente esta preocupação com uma instrução integral do ser, nos conteúdos atuais, tecnológicos e na preservação do passado, que carrega também a história de São Paulo e seus habitantes, especialmente dos alunos e seus familiares.

A educação patrimonial está presente pelos corredores da escola em constante exposição do acervo de peças dos séculos XIX e XX que compunham o Museu Escolar. Nesta foto publicada na revista “Emfamília”, editada pela escola, observa-se dois momentos do museu: o antes (material já existente antes da chegada dos Irmãos maristas) e as atuais instalações em grandes vitrines nos corredores da escola.



9. Museu Escolar do Arquidiocesano (antes e depois).



10. Gabinete de História Natural (1932) – Arquidiocesano.

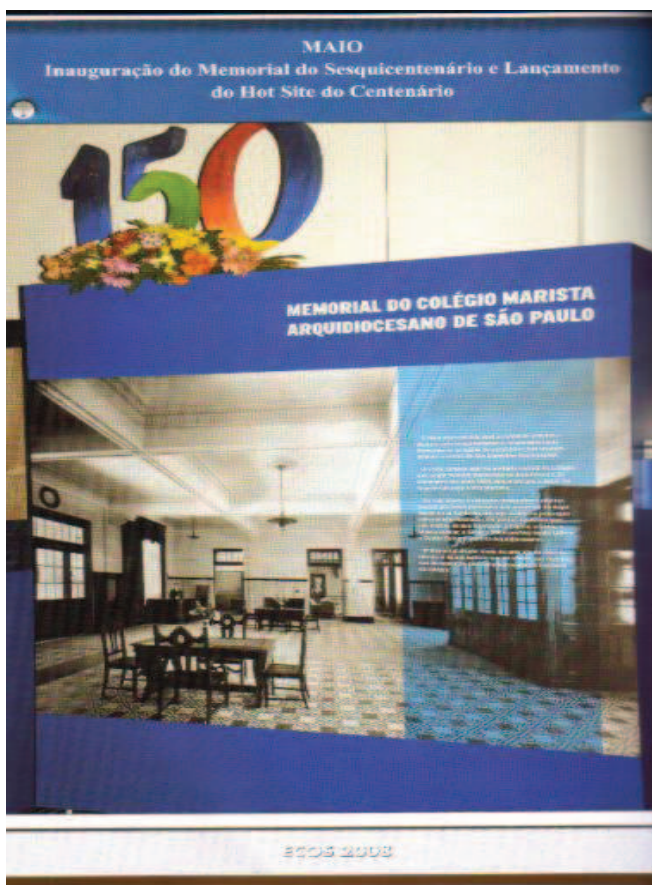


11. Museu Escolar (1939) – Arquidiocesano

Memorial do Colégio Arquidiocesano – (Fotos 12 e 13).



12. Visita de uma aluna.



13. Inauguração do Memorial.

Numa sala localizada na entrada do Colégio Arquidiocesano, do lado esquerdo, foi inaugurado em maio de 2008, o Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

O Memorial é constituído de painéis, objetos e vídeo alusivo ao passado, mantendo “uma exposição permanente, que retrata aspectos do cotidiano do Arquidiocesano desde o século XIX e também dispõe de uma sala para a guarda e a conservação de seu acervo, que reúne hoje mais de 30.000 documentos” (CATÁLOGO: MEMORIAL DO COLÉGIOMARISTA ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO, p. 1).

Na sala do Memorial, a seguinte frase está escrita num dos painéis:

“O Gabinete de História Natural foi criado antes da chegada dos maristas ao Colégio Diocesano, nos moldes de um Museu Escolar. A coleção, na foto de 1939, cresceu com o tempo e ainda faz parte do cotidiano do Arquidiocesano”.

Segundo Andréa Sarti, grande parte das peças que compõem o Museu Escolar do Arquidiocesano foram adquiridas da Maison Deyrolle de Paris, pioneiro neste segmento. (REVISTA EMFAMÍLIA, 2008, p.27).

Uma carta de um aluno do colégio publicada em 1947 na revista Ecos, de um aluno do colégio, mostra-nos o valor e a importância do museu e do laboratório existente nas dependências da instituição, para a formação do pensamento educacional desde a infância.

Quinta-feira passada dei uma volta pelo colégio. Foi quando voltando da enfermaria, passei junto ao laboratório. O pessoal do 3º Colegial fazia experiências. Mais tarde também farei. Ao lado é o museu. É muito gozado. Tem bichos bonitos e caveiras muito feias. (NADAL, s/d, p.20).

A presença dessas duas experiências em instituições distintas, uma em Santos e a outra em São Paulo, traz a ideia de que o Museu Escolar desempenhou no passado o papel de construtor da aprendizagem como forma de modernização na educação brasileira.

Nos dois colégios, pode-se perceber a educação dos sentidos pelas lições de coisas, ainda presente na atualidade. No passado, colaborou para a preparação dos futuros profissionais do ensino que começavam a utilizar-se das novas estratégias pedagógicas.

CAPÍTULO II

O MUSEU NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES PAULISTAS.

2.1 - A ATUAÇÃO DE CAETANO DE CAMPOS.

A renovação do ensino paulista constituiu-se a partir da visão republicana de progresso e das ideias liberais, entre elas, educar o povo para exercer suas próprias escolhas, pois só a educação transforma o homem em um verdadeiro cidadão.

No final do século XIX, o Brasil vivia uma atmosfera de efervescência de novas ideias e a educação era vista como o único meio que iria salvar a humanidade.

Podemos perceber essa representação sobre a educação na fala de Rosa Fátima: “Vitória das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância” [...] “elemento de regeneração da nação”. “Instrumento de moralização e civilização do povo” (SOUZA, 1998, p.26).

A implantação da escola pública em São Paulo, entre 1890-1896, foi o grande impulsor na tentativa de edificar-se um governo democrático.

Nas estratégias de reforma da educação paulista de 1890, observa-se a divulgação dos valores republicanos para a concretização do novo regime político, vinculado ao ideal de prosperidade para nação. A ideia de que a educação possui esse poder para mudar o ser humano demonstra que os reformadores da instrução do século XIX se empenhavam para estimular um novo olhar para escola. Antonio Caetano de Campos⁴ foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo e reorganizou o ensino público paulista em meados de 1890.

Estudos e experiências começaram a ser realizadas na tentativa de melhor organizar o ensino e conhecer o desenvolvimento intelectual da criança.

⁴Antonio Caetano de Campos era médico e educador, exercia a medicina em São Paulo na Beneficência Portuguesa e Santa Casa, fazendo parte nessa instituição também no cargo de Diretor Clínico.

O estudo da legislação que introduziu o museu escolar, instituição auxiliar da escola, no Estado de São Paulo, incorporou-se as ideias renovadoras da Escola Nova. Acreditava-se que a primeira educação da criança é a aprendizagem pelos sentidos, e essa acontece a partir do mundo que a rodeia e na preocupação constante em oferecer meios para aquisição do conhecimento a partir de experiências, levando o aluno a fazer novas descobertas.

E é nesse cenário que a escola tradicional passa a ser questionada e os reformistas, como Caetano de Campos, buscam novas maneiras de transformar a instituição existente, baseando-se nos pensamentos de educadores como Pestalozzi, Rousseau, Montessori e outros mais.

As experiências realizadas frente à Escola Normal em São Paulo e relatadas por Caetano de Campos (em carta publicada no jornal “O Estado de São Paulo” em trinta de março de 1890), segundo Reis Filho, mostram a relevância do ensino intuitivo para despertar o interesse do aluno e estimular a aprendizagem.

Entre as experiências adotadas por ele na Escola Normal da Praça, encontra-se a organização de uma Escola-Modelo. Nessa instituição as normalistas realizavam suas práticas, confirmando seu aprendizado de primeiras-letas junto às crianças. Na disposição das disciplinas destinadas ao 1º grau, estava presente “Lições de Coisas com observação espontânea” (REIS FILHO, 1995, p. 53).

O idealismo e entusiasmo de lutar pela modificação dos padrões desenvolvidos nas escolas até aquele período fizeram Campos trazer as inovações empregadas no ensino americano, que passaram a servir de modelo para o ensino brasileiro. Tomando por base esses preceitos transformou o programa curricular para melhor capacitar as alunas da Escola Normal e contratou a professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que iria transmitir as técnicas pedagógicas, empregando em suas práticas o método intuitivo.

A bagagem adquirida por Guilhermina nos anos de aperfeiçoamento em Nova York proporcionou o acompanhamento da evolução dos jardins de infância, e lhe permitiu perceber a necessidade da formação das jardineiras, professoras primárias:

A idéia do Kindergarten, ou jardim da criança, seus métodos e princípios, foi originalmente concebida por Friedrich Froebel (1782-1852), na Alemanha, entre 1830-1840. Froebel, fazendo ecoar as idéias de Rousseau, afirmava que as crianças eram essencialmente boas e que o processo educativo consistia em desenvolver suas potencialidades, tanto intelectuais quanto físicas e morais, sendo direcionada para meninos e meninas entre três e sete anos. Baseava-se no princípio de que a educação deveria centrar seu currículo nos interesses e necessidades da criança e que, por isso, jogos e brinquedos seriam as atividades mais naturais e educativas para elas. (CHAMON, 2008, p. 137).

A estratégia da aprendizagem através do lúdico provinha da visão de que a criança era ativa e deveria ser guiada para práticas a possibilitar-se a construção do conhecimento por si.

O ensino da leitura e escrita não fazia parte da metodologia desses jardins de infância; o interesse principal era o enriquecimento intelectual, físico e ético do educando, a partir de atividades como jogos mentais e corporais, música, história e diálogo entre professores e alunos.

Além de educar o coração e as mãos, educavam-se também os sentidos, por meio do ensino intuitivo ou de objetos. O ensino intuitivo, por sua vez, baseava-se na observação e na imaginação, sendo que sua aplicação se fazia, preferencialmente, por meio de objetos que eram colocados para os alunos observar: era o estudo das coisas (CHAMON, 2008, p.166).

Dentre esses elementos utilizados no processo intuitivo, encontravam-se os chamados dons e ocupações, criados por Froebel. Como esse acervo dos dons de Froebel, fazia parte do *Pedagogium*, instituição que pretendia formar professores, é possível que estivesse também presente em outros museus escolares e pedagógicos espalhados pelo Brasil. O Jardim da Infância do Liceu Feminino Santista, fundado em 1902 em Santos, utilizava os “dons froebelianos” vindos diretamente da Alemanha.

No trabalho desses educadores paulistas, o método intuitivo começou a tomar o lugar das idéias tradicionais dentro da escola e a preocupação com a criança, como agente desse processo, ganha grande destaque para reforma do ensino em São Paulo.

O movimento da Educação Nova através das reformas de ensino contribuiu para reestruturar as instituições escolares no Brasil, a exemplo de outros países. Nova maneira de instruir valorizou o trabalho com a intuição da criança, desenvolvendo a capacidade de observar coisas para aprender. Transformar os conteúdos a serem ensinados mais simples possíveis, solucionar uma dificuldade por vez, utilizar-se de objetos variados nas aulas, aguçando a capacidade de observação; partir do já conhecido para o desconhecido e do simples para composto, são algumas das características da Escola Nova e de seu método intuitivo, que vão se desenvolver também no museu escolar.

O método intuitivo, segundo Marta Carvalho, foi “peça central nas estratégias republicanas de constituição de um sistema de educação pública modelar em São Paulo” (2009, p. 303).

2.2 - O MUSEU PEDAGÓGICO NO CÓDIGO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (1933).

O Código de Educação implantado pela Secretaria da Educação e da Saúde Pública do Estado de São Paulo em 1933 foi elaborado por várias comissões sob a coordenação de Fernando de Azevedo com a ideia de reunir, reelaborar e sistematizar orientações para o funcionamento das inúmeras instituições escolares.

O documento possui novecentos e noventa e dois artigos, escritos em cento e setenta e três páginas, as quais apresentam a organização da rotina escolar determinando “as configurações de currículos, dias letivos, férias, promoções/reprovações, condições de qualificação profissional etc.” Disposto em onze itens sobre a educação pré-primária, a profissional, a especializada e a educação em geral, separadas em vários títulos, capítulos, seções e artigos (MATE, 2002, p. 152-154).

O capítulo X propõe as normas de criação e organização dos Museus Escolares nas escolas e em edifícios destinados à educação nas cidades.

O Código de Educação de São Paulo institui a criação dos Museus escolares como auxiliares da escola para aprendizagem das crianças:

O serviço de Bibliotecas e Museus Escolares tem por fim despertar no aluno, de acordo com suas tendências, sexo e idade, o gosto pela leitura de cunho literário ou científico, tornar o ensino intuitivo, prático e experimental, no sentido de facilitar a compreensão de todas as matérias do programa escolar. (1933, art.106, p.27).

Essas instituições apresentavam-se por meio de exposições de coleções organizadas pelos próprios professores e alunos, concentrando seu aspecto artístico, civil e social que dava a oportunidade da criança manusear e observar seu acervo.

Os Museus Escolares foram idealizados para servir de instrumento de aprendizagem para o ensino primário e secundário, porém a sua organização foi maior nas escolas infantis.

A ideia de museu escolar ou museu pedagógico começou a surgir no fim do século XIX como já vimos. Entende-se o museu escolar na forma colocada por Justino Magalhães, ou seja, lugar de memória e de reflexão sobre aprendizagem e processos educativos. Partindo de uma variedade de instituições, Justino Magalhães define a sua função:

Os Museus Nacionais de Educação, os Museus Técnicos, os Museus Pedagógicos, as Bibliotecas-Museu cumpriram, com o maior relevo e reconhecimento a dupla função de: a) preservação de um patrimônio, testemunho e suporte de uma memória; b) (in) formação e experimentação para os futuros profissionais e por idiosincrasia para os mundos pedagógico e didático em geral. São recursos fundamentais para as práticas educacionais e pedagógicas, mas são também conjuntamente com os

arquivos públicos e privados, a principal fonte de informação para a história da educação. (2006, p. 188).

Na literatura acadêmica, o Museu de Educação, por vezes, apresenta-se com as denominações: Museu Escolar, Museu Pedagógico e Museu de Historia Natural.

Os Museus Escolares começaram a ser criados para desempenhar o papel de auxiliar nas aulas de ciências naturais, mas sua importância foi aumentando, pois com o tempo, passaram a ser organizados com diversos objetivos: instrutivo, histórico, social, educativo, artístico, cívico, científico, técnico e econômico. (VIANA, 1953, p.488).

Ainda nas normas para criação desses museus, o Código da Educação indicava que tipo de acervo que necessitava ser colecionado pelos professores e seus alunos. “Os museus compreenderão coleções de objetos e de produtos industriais, comerciais e agrícolas da região, colhidos e renovados pelos próprios alunos em suas excursões escolares”. (Cap. X, art.115, p.28.)

As excursões de fundo pedagógico, citadas na legislação e no próprio Código de Educação, exerciam a função de despertar nos alunos o interesse pelos assuntos que iriam ser desenvolvidos em sala de aula. Também possibilitavam a coleta de objetos próprios do seu cotidiano para a instituição do museu da escola. Apresentando-se como um meio facilitador para aguçar a curiosidade para novas descobertas dos alunos.

Sobre esse tema também escreveu Everardo Backheuser. Um dos autores escolanovistas brasileiros, chama atenção para a importância desses passeios educativos e de como devem ser devidamente planejados para que cumpram seus reais objetivos.

O Dicionário Pedagógico Ilustrado (1923), localizado na Biblioteca do Colégio São José da cidade de Santos, mostra a importância desses Museus Escolares (PATRASCOIU, 1923, p. 274), para as práticas pedagógicas que eram desenvolvidas nas instituições de ensino:

“MUSEO – En sentido pedagógico, significa colección de objetos, plantas, minerales, animales, aparatos e instrumentos que sirven para hacer la enseñanza concreta, práctica y aplicada. El museo escolar no debe faltar en ningún establecimiento de educación.”⁵

⁵ Em sentido pedagógico, significa coleção de objetos, plantas, minerais, animais, aparelhos e instrumentos que servem para o ensino concreto, prático e aplicado. O museu escolar não deve faltar em nenhum estabelecimento de educação.

O Museu Escolar, espaço de obtenção de novos conhecimentos, tinha a função de fornecer materiais que se ajustassem ao conteúdo que estava sendo ensinado pelo professor e para cada tipo de museu foram caracterizados materiais distintos e intuítos específicos de formação.

A literatura pedagógica do século XX, escrita pelos escolanovistas para instruir a montagem dos museus escolares, baseava-se no Código de Educação e apontava três tipos de Museu: Museu da Classe, Museu da Escola e Museu Central e seus respectivos acervos.

O Museu da Classe possuía a finalidade de introduzir objetos que tornassem a aula ativa e alegre, num trabalho conduzido pelo professor, que orientava a recolha de objetos animados e inanimados que deviam ser abrigados no interior da classe para facilitar o acesso dos estudantes.

Entre alguns objetos que podem compor o museu da classe estão exemplares da fauna e da flora, aquários, “vasos de plantas em germinação, desenhos, modelagem, pinturas, recorte, colagem, álbuns, revistas, mapas e gravuras”. (BACKHEUSER, 1942, p. 347).

Essa atividade de recolha incentivava a cooperação dos alunos na organização dos materiais, despertando o gosto pela arte. Os objetos poderiam ser trazidos pelas próprias crianças, coletados em excursões pedagógicas ou confeccionados em sala de aula. “O principal objetivo do museu de classe é, porém, principalmente, o de tirar à sala de aula sua morna tristeza habitual.” (BACKHEUSER, 1942, p. 348).

O outro tipo, o Museu da Escola, era formado de materiais que focalizam as atividades desenvolvidas na região, onde se encontra a escola. De preferência, deve estar localizado em uma sala exclusiva para futuras visitas programadas pelos professores em suas atividades. É importante a colaboração dos pais, alunos, professores e da comunidade em geral para a manutenção e aquisição de acervos. O Museu da Escola poderá ser abastecido de objetos que ajudem nas aulas de ciências naturais como conchas, animais taxidermizados, lanternas, lupas, objetos para experiências científicas, mas principalmente, o professor designado para tarefa de guarda e direção do acervo escolar não deverá esquecer que o museu não pode ser um depósito de coisas velhas e esquecidas e sim deve ser um ambiente ativo, que desperte a curiosidade de seus visitantes.

Toda escola deve ter seu pequeno Museu de História Natural. A organização e desenvolvimento desse mostruário são muito educativos e instrutivos. Iniciando e aumentando o próprio museu, a escola desenvolve nos alunos o gosto pelo estudo da natureza que o cerca, incute-lhes hábitos de observação concreta e de raciocínio, torna-os ordeiros e cuidadosos. (SANTOS, 1966, p.238).

Por fim, o Museu Central, que deverá espelhar-se nos museus pedagógicos, proporcionando aos educadores conhecer novas práticas pedagógicas que auxiliariam suas aulas.

Esse museu deveria contar com materiais de ensino que trouxessem suporte para o professor se aperfeiçoar. Já no Parecer sobre a reforma do ensino primário de Rui Barbosa (1883 p. 197-198), as variadas funções dos Museus Pedagógicos estavam bem marcadas. Entre elas:

a) Demonstração de novos materiais de ensino:

Oferecer ao exame do professorado os tipos e modelos mais aproveitáveis de mobília escolar;
 Juntar, numa exposição permanente, as amostras de todas as invenções e aperfeiçoamentos, produzidos pela indústria nacional e estrangeira, no tocante ao material clássico;
 Reunir, em coleções completas, todos os instrumentos do material técnico do ensino;

b) Conhecimento das reais condições do ensino no Brasil e em outros países:

Apresentar, por espécimes concretos, documentos autênticos e meios figurativos, a história do progresso do ensino no país.
 Criar, manter, e desenvolver por todos os modos a estatística do ensino no país; coligir e coordenar todos os dados possíveis acerca do mesmo assunto no estrangeiro; publicar anualmente, em edições populares, o fruto deste duplo trabalho.

c) Interação com outros Museus e instituições ligadas à educação:

Estabelecer sistematicamente, com as províncias e com os países estrangeiros, a permutação dos objetos, documentos, informações e serviços, que interessem o ensino público em todos os seus graus;

d) Aperfeiçoamento constante dos educadores a partir da leitura:

Proporcionar aos interessados na causa da educação nacional a mais completa biblioteca pedagógica;

Nesse Parecer, verifica-se a preocupação para que o professor acompanhe as últimas novidades sobre educação, função desempenhada pelos Museus Escolares e Pedagógicos que seguiram essas orientações, especialmente no Distrito Federal como foi o caso do Museu Escolar Nacional criado em 1883 e o *Pedagogium*, em 1890. (VIDAL, [s/d], p. 206-208).

O Museu Escolar em São Paulo começa a ser normatizado a partir da elaboração do Código de Educação do Estado de São Paulo, simbolizando os novos tempos aclamados nos ideais da República.

O Código de Educação passou a ser, assim um parâmetro para a constituição desses Museus Escolares e Pedagógicos. O papel deles era valorizar e ensinar os educadores na execução da sua profissão, frente à nova pedagogia (educação dos sentidos), substituindo o ensino tradicional pela modernidade que promovia a motivação para aprendizagem na infância.

Das ideias concebidas desse documento é a experiência realizada por uma professora que atuou nos anos de 1930 em escolas normais paulistas e instituiu um Museu Didático para formação de novas gerações de educadores.

2.3 - A EXPERIÊNCIA DE LEONTINA SILVA BUSCH NA ORGANIZAÇÃO DE MUSEUS ESCOLARES.

A educadora Leontina Silva Busch era assistente da Seção de Educação do Curso de Formação Profissional de Professores da Escola Normal “Padre Anchieta”, de São Paulo e durante o ano de 1936 realizou em suas aulas de Prática de Ensino um projeto de criação do Museu Didático, que posteriormente narrou no livro “Organização de Museus Escolares”.

Essa experiência decorreu da legislação do Código de Educação do Estado de São Paulo que carregava a intenção de renovar o ensino e a disseminação de sementes de futuros museus a serem instituídos por normalistas no decorrer de seus anos no magistério.

Leontina Silva Busch nasceu em Limeira, Estado de São Paulo, em onze de junho de 1901 e faleceu na capital paulista a nove de janeiro de 1990.

Formou-se na Escola Normal de Pirassununga e, como na década de vinte era comum uma professora que se aposentava vender a cadeira para uma novata, seu pai o Capitão José Francisco Silva assim procedeu e sua filha começou a lecionar como professora rural e em seguida como adjunta do Grupo Escolar “Cel. Flaminio Ferreira” na cidade de Limeira em 1922 (entrevista com a filha Lélia Busch Alves Carneiro).

Ao longo de sua carreira ainda foi professora adjunta dos grupos escolares “Dr. Orozimbo Maia” em Campinas e, em São Paulo, no “Prof. Frontino Guimarães”. Na capital lecionou também na Escola “Caetano de Campos”.

Já como professora assistente de Prática de Ensino trabalhou nas escolas normais de Pirassununga e “Padre Anchieta”, onde foi diretora da escola modelo anexa, “revelando sempre alta eficiência educativa e espírito de renovação do ensino”.

No ano 1927 casou-se com o também professor primário e depois médico Dr. Reynaldo Kuntz Busch com quem teve quatro filhos.



14. O Casal Leontina e Reynaldo Busch – 1948. Acervo de Lelia Busch Alves Carneiro. 08 set. 2010.

Na sua luta diária para criar seus filhos e ajudar seu marido que estudava medicina em Niterói, o casal ainda encontrava tempo de se corresponder por carta, onde Leontina ficava sabendo da rotina do marido com os exames e provas da faculdade, assim como ele, o desempenho de sua carreira no magistério.

Da sua longa carreira, merece destaque a mudança com a família em 1934 para São Paulo, onde assume a regência de Organização Escolar, Pedagogia e Prática do Ensino na Escola Normal “Padre Anchieta”, instituição de larga tradição.

A Escola Normal Padre Anchieta⁶, foi fundada em 1898, primeiramente como Terceiro Grupo Escolar do Brás. Em 1913 passa a chamar-se Escola Normal do Brás e só em 1920 incorpora o nome Padre Anchieta.

Desenvolve nesta instituição um trabalho pioneiro na alfabetização e assimilação da aprendizagem juntamente com a formação de suas alunas da Escola Normal.

⁶ Atualmente é conhecida como EE Padre Anchieta de ensino fundamental e médio, localizada no prédio da Rua Visconde de Abaeté no bairro do Brás.



15. Grupo Escolar do Brás em 1913; Escola Normal “Padre Anchieta” em 1920.

O propósito da Professora Leontina, na sua tarefa de formar novas mestras, era despertar a investigação e a confecção de materiais que tornariam as aulas ministradas por essas professoras mais motivadas, proporcionando o interesse e a aprendizagem de seus alunos.

Nesse sentido, em suas aulas de Organização Escolar e Didática, trabalhava a importância da utilização de objetos que deveriam ser observados e manuseados pelas crianças. Constituiu-se, então, a idéia da construção de um Museu Didático para o enriquecimento das práticas escolares do ensino primário existente na mesma escola e aperfeiçoamento das alunas do curso do magistério.

A inauguração do Museu Didático constituiu-se evento importante com a presença do Diretor do Ensino, Dr. Almeida Junior, em três de dezembro de 1936. Na sala da exposição, encontravam-se exemplares de materiais inspirados em modelos para renovação do ensino (BUSCH, 1937, p.168). Entre esses materiais, confeccionados pelas normalistas, constavam diferentes jogos voltados para o ensino de linguagem oral, história, geografia, mapas-murais, mapas, maquetes, objetos que foram testados na prática com os alunos da escola primária da instituição, contribuindo para as aulas práticas das alunas da Escola Normal.

Para o sucesso dessa realização, o empenho da professora Leontina Busch no preparo do plano de organização do museu foi estratégico para incentivar a participação de todas as alunas do curso, como nos relata a própria autora.

Esse planejamento baseou-se na literatura de Backheuser, ‘Técnica da Pedagogia Moderna’, que, segundo a autora, “a visão pedagógica do reformador do ensino do Distrito Federal era tão larga e penetrante que aproveitou um elemento puramente estático [...] – o museu escolar dos quadros Deyrolle⁷ e outros – transformando-o em instituição dinâmica”. (BUSCH, 1937, p. 27).

As alunas do Curso Normal foram organizadas em quarenta grupos de cinco a seis elementos e faziam parte de quatro classes. Os grupos que trabalharam na construção do museu escolar eram reconhecidos por nomes como: Grupo Pestalozzi; Grupo Rousseau; Grupo D’ Bosco; Grupo Rui Barbosa, entre outros.

No intuito de conscientizar as professorandas, três aspectos destacam-se na elaboração das estratégias desse trabalho: (BUSCH, 1937, p. 23-24).

Noção do que é museu escolar:

- Doutrinação das 4 classes sobre o conceito de museu didático e seu valor incalculável para facilitar e tornar mais eficaz o ensino.
- Proposição, às 4 classes, da instituição de um museu didático com que dotar a Escola, organizando-o, a pouco e pouco, com material que for servindo á prática pedagógica.
- Apresentação de um plano tipo de organização de museu didático e abertura de debates em torno do mesmo, a fim de provocar a participação ativa das alunas-mestras na melhor estruturação do plano.

O valor da motivação para as aulas:

- Evidenciação, no traçado e na execução de planos de aula, do valor fundamental da motivação, ressaltando que, ao lado de outros elementos, a preparação do material adequado é condição essencial para que aquela se faça.
- Despertar a imaginação das professorandas para a criação de meios atraentes pelos quais se possa apresentar, com eficiência, o material de ensino adequado a cada aula.
- Assentamento do plano, divisão e distribuição do trabalho de organização. Escolha de uma comissão, composta de representantes das 4 classes, que teria a incumbência de receber, fichar, classificar e colocar em ordem cada material na sala destinada ao museu.

⁷ A Maison Deyrolle foi criada em 1831, na Rue de Bac, 46, Paris, França. Produzia materiais pedagógicos, em sua maioria de História Natural. Esses materiais, se escritos (como pranchas murais de sala de aula ou diapositivos de vidro) passavam por um tradutor que traduzia o texto francês para o idioma luso, de modo a poder ser compreendido e usado no Brasil e em Portugal. Disponível em: <http://cemiiserj.blogspot.com/2011/07/maison-deroylle-e-educ...>

E a importância do material:

- Observação, nas classes primárias, sobre o valor da concretização, da ilustração ou da esquematização para boa reação dos escolares ao ensino.
- Demonstrar as vantagens de conservar em ordem o material angariado nas classes ou construído pelas professorandas.

A partir dessa proposta de organização do museu, houve o envolvimento das alunas que trabalhavam durante as aulas e em casa. Também foi de extrema importância a participação das crianças da escola primária, onde os materiais confeccionados foram experimentados em aulas práticas.

Nas palavras do jornal “Da Gazeta”, a admiração pelo trabalho que estava sendo efetuado: “Merecendo desde já os aplausos e admiração dos visitantes, um Museu Didático, constituído do material de ensino que as alunas normalistas vão construindo no correr do ano”. (Apud BUSCH, 1937, p.167).

As notícias publicadas nos jornais de São Paulo sobre o trabalho desenvolvido nessa escola: evidenciavam a aceitação preliminar do museu. Este passou a receber visitas de futuras professoras de outras instituições, que desejavam saber como as alunas da Escola “Padre Anchieta” desenvolveram a nova forma de ensinar, processo que estava já sendo introduzido no Brasil, como expõe Nagle (2001, p.314) em seu texto:

[...] É este o quadro que pode ser traçado ao considerar as condições facilitadoras que o movimento reformista propõe para o desenvolvimento do escolanovismo no Brasil: transforma-se o sentido das antigas práticas, aparecem novas, bem como são introduzidas outras atividades e alteradas as existentes. Com isso, se desenvolve uma nova didática ou, mais amplamente, é toda uma nova pedagogia que inicia sua trajetória no período, ao serem indicadas as condições ótimas para funcionamento do novo modelo que deve apresentar a situação de ensinar-aprender.

Leontina Silva Busch publicou esse seu trabalho no seu livro “Organização de Museus Escolares”, uma experiência realizada pela autora durante o curso de Prática de Ensino dado às professorandas de 1936.



16. Livro “Organização de Museus Escolares” de Leontina Silva Busch. Foto: 15 ago. 2010.

A obra, com 186 páginas, divide-se, após um prefácio, em cinco capítulos:

- Os museus escolares e a legislação escolar paulista.
- Material para um museu.
- O museu de Escola Normal.
- Museu pedagógico.
- Jogos aplicados ao ensino [40 jogos].

Ao final, apresenta “quadros para ensino da linguagem” (p.143 a 160) e um Apêndice (p.161 a 183), onde registra visita de professorandas do Instituto de Educação em três de junho de 1936 e o quadro das colaboradoras na organização do Museu didático, duzentos e três professorandas diplomadas em 1936.

Este livro é prova de um trabalho exaustivo desempenhado por essa educadora e suas pupilas na formação de um rico material que possibilitaria a capacitação dessas futuras profissionais.

No capítulo intitulado “Os Museus Escolares e a Legislação Escolar Paulista”, relata sobre as orientações do Código de Educação do Estado de São Paulo, destacando a importância dessa instituição para “tornar o ensino intuitivo, prático e experimental, no

sentido de facilitar a compreensão de todas as matérias do programa escolar” (1933, art. 106, apud BUSCH, 1936, p.7).

Em seguida mostra, com uma rápida incursão nas legislações escolares nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Piauí, Pernambuco, Maranhão e Distrito Federal, a existência do “precioso órgão facilitador do ensino intuitivo, que é o museu escolar” (BUSCH, 1937, p. 11).

Em Minas, a Reforma Francisco Campos – Regulamento do Ensino Primário, 1927 – impulsiona os professores a tentarem instituir museus no âmbito escolar, seguindo as recomendações redigidas no decreto 7.970 de 15 de outubro de 1927 (Apud BUSCH, 1937, p.11):

Cada escola procurará organizar seu museu com material colhido pelos alunos e professores nas excursões escolares, ou enviado pela Secretaria do Interior, doado por particulares ou instituições científicas. O museu tem por fim o ensino intuitivo, devendo os professores, sempre que possível, dar, na sala que lhe for destinada, aulas de Ciências Naturais, Geografia, Higiene e Lições de Coisas.

No Distrito Federal, Leontina narra que a Reforma de Fernando de Azevedo prevê a existência desses museus no recinto escolar. Já no Estado do Rio de Janeiro, o decreto n. 2.383 de janeiro de 1929, estudado por Busch, aponta as disposições dos materiais que deverão ser colocados no museu em exposição permanente.

No Estado da Bahia, o art. 390 do Regulamento do Ensino Primário e Normal de 1925, orienta os professores nos procedimentos para “organizar e manter museus escolares”. Em Sergipe e Piauí mantém-se a mesma preocupação de proporcionar a criação dos museus escolares, seu aparelhamento a partir da coleta realizada nos passeios pedagógicos.

Também foi observado por ela no Boletim de Educação de jun./dez. 1934 de Pernambuco, que a organização dessas instituições auxiliares compreenderia a função de ser um:

Órgão indispensável à cooperação e ao desenvolvimento da técnica escolar, é o Museu Pedagógico Central, que de acordo com a Lei Orgânica do Instituto de Educação, deverá compreender três secções: a) Museu Didático; b) Museu da Criança; c) Curso de Administração dos Museus Escolares (Apud BUSCH, p.17).

Por fim, no Estado do Maranhão, a legislação dá conta da criação de um Museu Pedagógico na capital (art. 345 do Regulamento para Ensino Primário nº. 252 de 1932) “haverá em cada escola um museu, feito pelos próprios alunos e professores, com espécimes trazidos de casa, colhidos em excursões etc.”. E o Parágrafo Único – “Nele se fará o ensino de Ciências Phisicas e Naturais.” (Apud BUSCH, p.19).

A seguir, das páginas 20 a 42, a obra da Prof^a. Leontina discorre sobre o que organizou posteriormente: o Museu Didático desenvolvido em 1936, planejamento esse estruturado por ela e aplicado como experimento em suas aulas.

Tomando por base as ideias de Everardo Backheuser, a autora destinou uma parte a explicar a função do Museu Didático, assim como sua disposição e os princípios a serem ensinados durante sua construção, representando um “trabalho em cooperação das crianças, de seus pais e de amigos da escola, com o professor” (p.38). Nesta produção apresentam as sugestões de estruturação dessas instituições museológicas nos Grupos Escolares, Escolas Normais e os materiais necessários para bem fazê-lo; as normas a seguir, proporcionando um papel formador das crianças e futuros professores.

Nas páginas sobre o Museu Pedagógico, há exemplos dos museus criados em Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Madrid, Paris, Belém, Nova York (p.61), que possuem acervos mobiliários; fotografia de prédios escolares; decretos, regulamentos.

Em contrapartida no Brasil, segundo a autora, não há em nenhum Estado brasileiro uma instituição desse porte, apesar dos educadores encontrarem nas Secretarias de Educação:

Tipos de móveis e de materiais, o serviço de prédios escolares (plantas e fotografias), o de Cinema Educativo (filmes), o de Estatística Escolar (gráficos), as Escolas Normais e os Grupos Escolares (quadros, jogos, cartazes, coleções animais, herbários, amostras de produtos, etc., resultantes de ensino discriminado, de centros de interesse ou de projetos desenvolvidos). (BUSCH, 1936, p.62).

Leontina escreve também sobre as excursões escolares, assinalando a sua importância para educação, objetivos e a execução propriamente dita, como uma forma de aprendizado alegre e eficaz para o ensino.

As excursões escolares são atividades intimamente ligadas à organização de museu escolar, visto que elas objetivam proporcionar aos aprendizes ensejo para observações diretas no próprio ambiente natural, industrial, comercial, social ou institucional, onde a coisa ou fato em estudo existe ou em que está integrado. (BUSCH, 1937, p. 64).

O livro traz, ainda, uma minuciosa descrição das maneiras de se construir jogos e sua aplicação para educação, materiais esses preparados pelas professorandas da Escola Normal “Padre Anchieta”.

Estavam presentes, nesse trabalho, jogos, quadros murais, mapas que receberam os títulos de: Jogo do Naípe de Palavras; Jogo de Figuras e Palavras; Jogo de Xadrez; Jogo Paulista⁸; Mapa Relevo – A Bahia de Santos⁹; Quadro-Mural: Fundação de São Paulo; O Descobrimento do Brasil; Álbum do Japão etc.

Nas últimas páginas da obra, apresenta a organização dos grupos das alunas com nomes inspirados nos educadores, como: Grupo Pestalozzi; Grupo D. Bosco; Grupo John Dewey, todos tendo cinco integrantes trabalhando na confecção dos materiais a serem expostos no museu da escola.

A imprensa escrita, como já foi referido anteriormente, noticiou tanto a execução do projeto-museu, como também a inauguração do museu da escola.

A. Moraes Sampaio, “catedrático de Geografia da Escola Normal Oficial, de Piracicaba” (GAZETA, 1938), autor da reportagem desse Jornal, publicado em primeiro de janeiro de 1938, descreve a importância do livro organizado por Leontina, e diz:

São quase 200 páginas de leitura simples e agradável, fácil e instrutiva [...]. É de justiça afirmar que nada mais conhecemos do assunto em nosso meio didático nacional e, só por isso, o trabalho de D. Leontina Silva Busch se recomenda, além de já recomendá-lo como um bom e substancial relatório que é do esforço de uma professora que, além dos encargos de esposa e mãe, foi útil à Normal “Padre Anchieta” e, ainda, aspira, tão somente, útil se fazer a centenas de colegas que careçam de uma orientação inteligente para atingir uma nobre finalidade: melhorar o rendimento do nosso ensino.

Em nove de junho de 1936, o jornal Da Gazeta (apud BUSCH, 1937, p. 167), enaltecia o trabalho que estava sendo desenvolvido na Escola Normal “Padre Anchieta” para criação de um Museu Didático. “O trabalho desta pioneira da renovação da escola brasileira contribuiu para instrução de muitas de suas discípulas, que ao longo dos anos passaram por suas mãos como educandas e futuras professoras seguidoras de sua mestra”.

Outro aspecto foi a ampla utilização do museu como guia no desenvolvimento dessas moças, divulgador das inovações educacionais e motivador do ensino para infância.

Esse documento elaborado pelo Serviço de Estatística da Educação e Saúde do Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro mostra-nos a situação da implantação dos museus nas instituições escolares em 1937.

⁸ Objetivo especial – Perfeito domínio de palavras conhecidas. (anexo nº. 9).

⁹ Objetivo especial – Dar uma noção concreta sobre a configuração das ilhas de São Vicente e Santo Amaro, da localização das cidades de Santos e São Vicente, do Cais do Porto, etc. (anexo nº. 8).

ESTATÍSTICA DO APARELHAMENTO ESCOLAR “MUSEUS” – 1937. ESTABELECIMENTOS ESCOLARES.					
UNIDADES FEDERADAS	FEDERAIS	ESTADUAIS	MUNICIPAIS	PARTICULARES	EM GERAL
DISTRITO FEDERAL	-----	-----	84	82	166
ALAGOAS	-----	-----	-----	-----	-----
AMAZONAS	-----	10	-----	4	14
CEARÁ	-----	6	-----	8	14
ESPIRITO SANTO	-----	7	-----	4	11
GOIAIS	-----	-----	-----	2	2
MARANHÃO	-----	3	-----	1	4
MATO GROSSO	-----	-----	-----	3	3
MINAS GERAIS	-----	163	5	101	269
PARÁ	-----	3	-----	18	21
PARAÍBA	-----	4	-----	6	10
PERNAMBÚCO	-----	14	-----	23	37
PIAUÍ	-----	-----	-----	-----	-----
RIO DE JANEIRO	-----	37	-----	16	53
RIO GRANDE NO NORTE	-----	-----	-----	-----	-----
RIO GRANDE DO SUL	-----	31	3	41	75
SANTA CATARINA	-----	32	-----	14	46
SÃO PAULO	-----	167	8	148	323
SERGIPE	-----	2	-----	3	5
TERRITÓRIO DO ACRE	-----	-----	-----	-----	-----
BRASIL	-----	498	100	504	1102

2. Fonte: **O ensino no Brasil em 1937**. Serviço de Estatística da Educação e Saúde (órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: IBGE, 1943.

Ao fazermos uma análise da tabela a cima, sobre a presença dos Museus nas escolas no ano de 1937, obtém os seguintes resultados:

- Não há museus nos estabelecimentos Federais.
- Nos Estaduais o maior número concentra-se em São Paulo (167) e Minas Gerais (163).
- Já nos Municipais, somente no Distrito Federal encontramos um número considerável de instituições (84).
- As Escolas Particulares e estabelecimentos em geral detêm a grande maioria de museus.
- Os Estados que não possuem nenhum museu em seus estabelecimentos escolares são: Alagoas; Piauí; Rio Grande do Norte e o Território do Acre.

CAPÍTULO III

O MUSEU E A EDUCAÇÃO.

Na busca para inserir inovações no campo da educação brasileira, no séc. XIX professores e profissionais ligados a outras instituições como museus que proporcionavam a aquisição de cultura para população em geral empreenderam viagens pedagógicas com o objetivo de apreciar o que havia de mais moderno no exterior.

Entre as novidades encontradas estava presente a evolução dos museus, já existentes na Europa e Estados Unidos, que faziam experiências de mudanças para cativar expectadores e oportunizar a aprendizagem.

Os museus em geral, neste período, passavam por uma fase de novos experimentos, que lhes trariam as características de um ambiente ativo em transformação.

Nessas alterações, “museus dinâmicos, em oposição aos estáticos” intervinham diretamente no desenvolvimento das pessoas que buscavam, nos museus, uma forma de aumentar sua cultura.

3.1 - BERTHA LUTZ: A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS.

Em 1932, a cientista Bertha Lutz realiza uma dessas viagens de estudos para observar os trabalhos exercidos nos museus nos Estado Unidos, trazendo na bagagem novas experiências a serem desenvolvidas no Brasil. Visitou cerca de cinquenta e oito museus, entre eles os que priorizavam o estudo voltado à ciência e especialmente ofereciam nova aprendizagem às crianças. Essa experiência possibilitou a Bertha, ampliar a reflexão do papel do museu dentro de seu cargo de museóloga no Museu Nacional e fazer voltar “às práticas educativas e comunicação pública das ciências” implantada por essa instituição “com a criação dos chamados Serviços Educativos”. (LUTZ, 2008, p. 20).

Pioneira na emancipação da mulher no trabalho e na vida social, “Bertha, em dezembro de 1937 assume a chefia do setor de Botânica do Museu Nacional em caráter interino, mas em

fevereiro do ano seguinte, foi efetivada, sendo a segunda mulher a vencer no Brasil um cargo, através de concurso público.” (ANDRADE, 1997, p.116).

Considerada “ícone do feminismo brasileiro” (LUTZ, 2008, p. 19), dedicou-se aos estudos de Zoologia e Botânica, área em que atuou no Museu Nacional (1919-1964), mas o aparelhamento de instituições voltadas à educação primária também surge em seu currículo profissional, resultado de seus estudos sobre a importância educacional dos museus modernos, fruto de suas peregrinações pedagógicas por essas instituições.



17. Bertha Lutz

Segundo Wilma Therezinha Andrade (1997, p. 109), Bertha Maria Júlia Lutz, conhecida com Bertha Lutz, nasceu em dois de agosto de 1894 em São Paulo. Era filha de Adolfo Lutz brilhante médico, que também posteriormente foi diretor do Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro, a convite de Oswaldo Cruz. Bertha iniciou seu estudo no Brasil e formou-se na França em Ciências, pela Universidade da Sorbonne. Ainda adquiriu a titulação na área de Leis Jurídicas e chegou a trabalhar sob a supervisão de seu pai, no Instituto Manguinhos. Veio a falecer com 82 anos no Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1976.

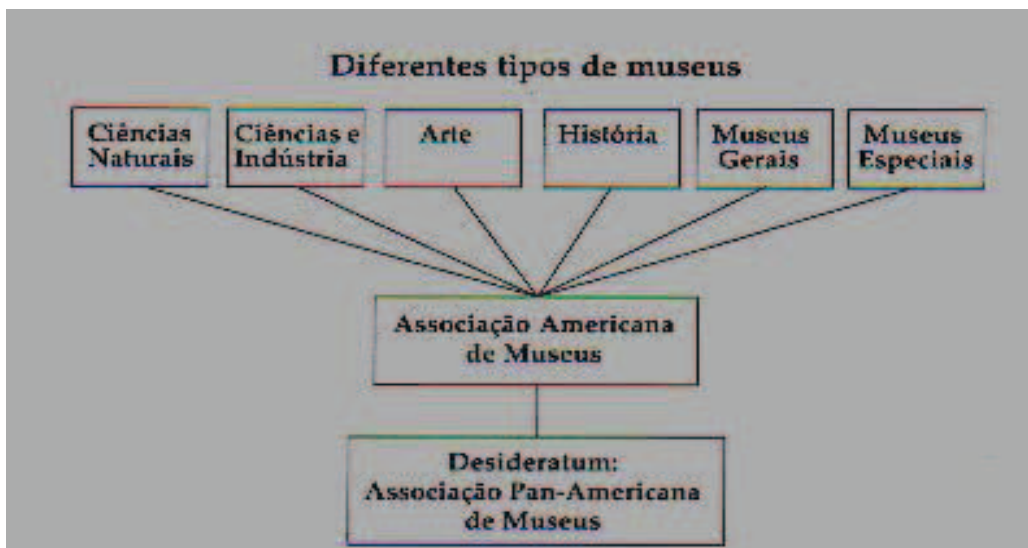
Os estudos empreendidos sobre os serviços educativos nos museus norte-americanos, unidos às suas experiências anteriores na Europa, levaram-na a distinguir o Deutsches Museum, de Munique “como expressão inspiradora da museologia moderna” (LUTZ, 2008, p. 20), motivando-a para implantar no Brasil as práticas educacionais para museus em parceria com as escolas. Essas realizações são expressas na elaboração de acervos museológicos que se pretendia inserir no âmbito escolar e para isso eram preparados e organizados:

Mostruários para Museus de História Natural, métodos e processos técnicos empregados na taxidermia, métodos de divulgação do ensino de história natural entre a população escolar, do conhecimento agrícola e de economia doméstica, feitura de dioramas e organização de museus voltados para crianças. (LUTZ, 2008, p. 16).

Os museus visitados por Bertha apresentavam diferentes formas de trabalho que direcionava o enfoque no público em geral, mas também nas crianças com ações educativas que enriqueceram os estudos da cientista. Nessas instituições, havia várias ações para tornar atrativo o museu às pessoas que os visitavam.

O roteiro de inspeção empreendido por ela baseava-se nas ciências naturais, por ser essa a especialidade do órgão em que mantinha seu vínculo empregatício, mas nos relatórios também localizamos sua passagem pelos “Jardins Botânicos, Zoológicos, Herbários, o Planetário e o Museu de Astronomia de Chicago, o Aquário de Nova Iorque”, ambientes educativos que se apresentavam “ricos em sugestões práticas”. (Ibid., p. 26).

Bertha apresenta (2008, p.115) diferentes tipos de museus:

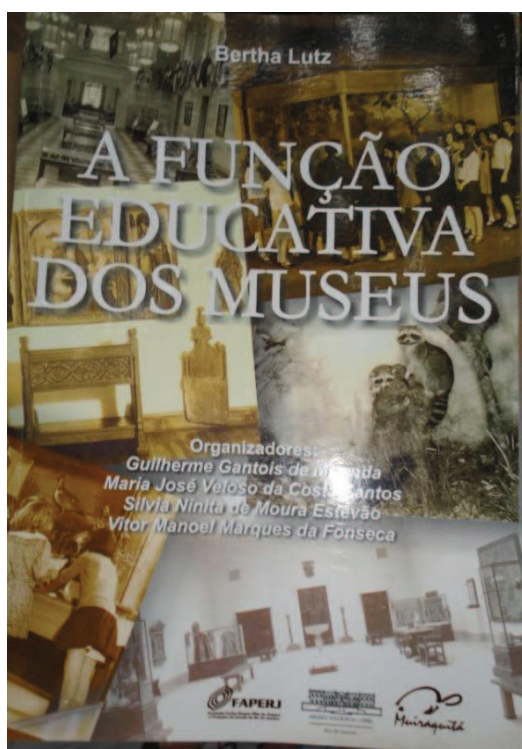


18. Organograma dos diferentes tipos de museus (LUTZ, 2008, p. 115).

Bertha visualizou e documentou aspectos importantes de sua visita que posteriormente tornaram-se relatórios de viagem, como por exemplo, os trabalhos desenvolvidos nas comunidades em bairros isolados dos grandes centros (Estados Unidos), como empréstimo de material de grandes museus denominados Museus Ramais que eram um atrativo a pessoas que raramente iriam a museus maiores.

Instalado à Rua 69, em Filadélfia, [...], representa uma experiência quase revolucionária, [...], antes de ser aberto, foi feito um estudo sociológico da população do bairro por uma visitadora social, treinada, da Cruz Vermelha, a fim de conhecer os habitantes, [...], do ponto de vista da classe, raça, profissões, ocupações gerais, crença e orientação social [...], a Rua 69 foi escolhida por ser a artéria de maior trânsito durante o dia e por oferecer grandes atrativos à noite, sendo vizinha de casas de diversões varias, cinemas etc. (Ibid. p. 39).

O conjunto desses relatórios foi publicado, sob o título “A Função Educativa dos Museus”.



19. Livro “A Função Educativa dos Museus” de Bertha Lutz. Foto: 26/01/2011.

Assim o museu moderno como foi dito anteriormente realiza as funções de pesquisa e divulgação. Além de preocupar-se com os aspectos sociais e de localização para sua formação na comunidade, precisa ser de fácil acesso a todo tipo de visitantes, vivenciando uma face de progresso e mudanças. Procurando enriquecer seu trabalho em prol da formação do cidadão, “o museu reconhece hoje o seu duplo objetivo de conservador e de ampliador dos conhecimentos humanos e de órgão de divulgação popular”. (LUTZ, 2008, p.40).

Portanto em sua viagem aos Estados Unidos, Bertha constatou que um dos aspectos importantes para renovação das funções museológicas era a preocupação em desenvolver atividades atrativas também para as crianças, nos chamados museus infantis. No âmbito dessas instituições, diferentes tarefas eram propostas, voltadas ao lúdico com intuito de proporcionar a aprendizagem prazerosa.



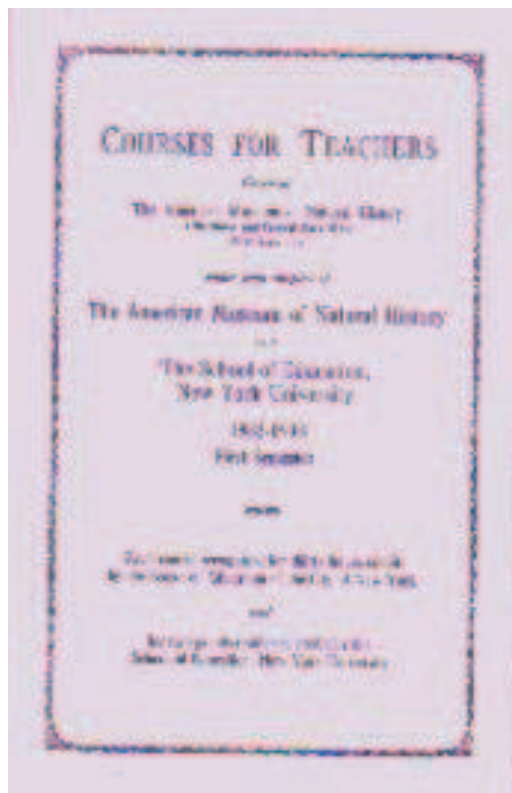
20. Encenação da História da Cidade pelas Crianças do Clube Junior do Museu. (New Ark Museum). (LUTZ, 2008, p. 171).

Para haver um melhor aproveitamento dessas visitas educativas, um trabalho em conjunto com as escolas tinha como relevância a orientação e formação dos educadores que trariam a sua turma posteriormente. Assim o museu disponibilizava a essa clientela uma preparação prévia, evidenciando a importância de levar as crianças a um conhecimento do espaço que iriam visitar.

Além de um planejamento cuidadoso que envolvia palestras com exibição de filmes ilustrativos; questionamento do conhecimento antecedente da criança sobre os assuntos mostrados; orientações para análise do acervo, preenchimento de questionários que continham contexto sobre história natural e jogos instrutivos, atividades essas que aconteciam durante o passeio.

Entre as atividades preparadas por essas instituições e propostas aos professores havia materiais para leitura, exercícios escritos e observação de gravura sobre o acervo. A partir desse trabalho o museu conseguia avaliar as funções prestadas ao público em conjunto com a escola. Assim havia cursos de treinamento sobre o que os professores devem ministrar em

suas aulas, preparando-os para “encarregar-se da divulgação, sendo incumbidas da realização prática dos programas de educação popular”. (LUTZ,2008,p. 78).



21. Cursos para professores (1932-1933), (LUTZ, 2008, p. 151).

Segundo os relatórios de Bertha, de modo geral “grande número de museus possui salas especiais para crianças, onde encontram docentes que associam aos seus interesses e as orientam”, dando liberdade para que não percebam que seja conteúdo escolar. (Ibid.,p. 88), as breves conferências seguidas de projeção técnicas ou cinema também faziam parte do roteiro de aprendizagem agradável voltada ao público infantil.



22. Crianças estudando África com material do museu. (Educational Museum of Saint Louis Public Schools). (LUTZ, 2008, p. 164)

Bertha Lutz conheceu quatro museus infantis: Children's Museum de Cambridge, Massachusetts; Children's Museum of Boston (1913); Peabody Museum de História Natural, (1866) e o Museu Infantil de Brooklyn, e constatou que nesses recintos as atividades eram bastante diversificadas, almejando arrebatar o interesse dessa faixa etária. Em seus relatórios encontramos a descrição de tarefas propostas durante as visitas das crianças nesses espaços, filmes, palestras, jogos, contato com animais vivos, encenações teatrais e passeios pelos dioramas montados nos museus, que focavam cenas temáticas sobre a História.

Desses museus vistos por Bertha, podem ressaltar-se as diferentes atividades vivenciadas por crianças e educadores nos espaços do Museu de Brooklyn (com cento e doze anos de existência), que até os dias de hoje proporciona educação a partir de brincadeiras a várias gerações.

Lutz observou nessa instituição como hábito o princípio de convidar diretores das escolas particulares e públicas para realizarem uma visita às suas dependências, para conhecimento prévio do museu, dando início a um processo educacional não só com as crianças, mas inicialmente com equipe escolar.

A satisfação dos pequenos, quando participam do conhecimento desse espaço, é tamanha que causou o seguinte registro por parte de uma dessas crianças, mencionada no

relatório de Bertha: “um menino chegou a agradecer, na hora da despedida, com as seguintes palavras: ‘o céu deve ser como este museu’”. (LUTZ, 2008, p, 97)

As crianças, ao entrarem no museu pela manhã, são deixadas livres para percorrer o espaço; depois descansam assistindo a um filme. Em seguida divididas em grupos de 20 elementos, são supervisionadas por educadores do museu, que as orientam nas observações e no “jogo referente ao material exposto em uma das partes do Museu”. O almoço é servido no jardim ao meio-dia e rumam À biblioteca logo após, para novas descobertas. Ao fim do dia, na despedida, outro jogo é proposto.



23. Sala da Biblioteca (Brooklyn Children's Museum). (LUTZ, 2008, p.169)



24. Grupo de crianças jogando com docente na sala de Geologia.
(Brooklyn Children's Museum). (LUTZ, 2008, p.170)

No pensamento da autora, revelados em seus escritos, várias dessas idéias são possíveis de adaptação à realidade brasileira, entre elas a “reorganização e ampliação dos serviços de diapositivos em caráter de empréstimos; a criação de ramais, de coleções mostruários e estrelas, de um ou mais ramais; de trilhas e de um museu ao ar livre; de uma sala com programas para crianças e de um serviço de educação popular pelo rádio.” (p.104).

O estudo das funções dos museus nos Estados Unidos feito por Bertha trouxe uma grande contribuição para o meio educacional brasileiro em 1932. A possibilidade de conhecer o que era realizado com as crianças e adultos no aspecto de aquisição da cultura e educação num espaço vivo e diferenciado fez com que essa pesquisadora quisesse tornar possível algo parecido no Brasil.

Concluindo, pode-se afirmar que o trabalho desenvolvido frente ao Museu Nacional, Bertha abriu caminhos para as novas gerações darem continuidade ao ideal de unir a escola ao museu em prol da educação.

Trabalhando com a hipótese de que Sólon Borges dos Reis e Vinício Stein Campos possuísem ideais parecidos aos de Bertha Lutz na criação dos Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo em 1956, os dois, contribuíram com a renovação da educação. O projeto inicial dessas instituições seriam museus escolares, mas tornaram-se depois expressão de educação cívica de cada município, não deixando de lado, na sua concepção as bases dos primeiros museus de pedagógicos. (MISAN, 2005, p.30). Os quatro primeiros Museus Históricos e Pedagógicos foram constituídos nas cidades de: Piracicaba (Prudente de Moraes 1956), Campinas (Campos Salles), Guaratinguetá (Rodrigues Alves 1956) e em Batatais (Washington Luís 1957).

O intercâmbio por correspondência mantido entre Stein e os diretores dos Museus Imperial e Nacional, ambos do Estado do Rio de Janeiro onde sua busca era a troca de conhecimentos sobre museologia inspira a concretização do planejamento desses museus, Misan constata, em uma dessas cartas (1969), um pedido em especial ao diretor do Museu Imperial para receber uma professora, em forma de estágio, proporcionaria a ela a aquisição de técnicas necessárias para desenvolver no Museu Histórico e Pedagógico da cidade de Tupã.

A mesma iniciativa acontecia no Museu Nacional (1915-1926), que “ministrou cursos para professores e iniciantes interessados em estudos das ciências naturais, com o objetivo de divulgar as riquezas naturais do Brasil, popularizar a cultura natural brasileira” (SILY; SANTOS, 2011, p. 4), disseminando esses saberes na formação desses museus.

Como Vinício Stein instruiu conteúdos de museologia para habilitar diretores para os Museus Históricos e Pedagógicos e mantinha um diálogo constante com as instituições cariocas, é possível que tivesse entrado em contato com as experiências educativas do Museu Nacional decorrentes da contribuição da viagem de Bertha aos Estados Unidos.

3.2 - A EXPERIÊNCIA PAULISTA: MUSEUS HISTORICOS E PEDAGOGICOS NA DECADA DE 1950.

Os Museus Históricos e Pedagógicos que foram criados inicialmente para serem museus escolares e transformaram-se em guardiões da história do Estado de São Paulo, com caráter educativo e cívico conservam ainda as experiências dos educadores que se transformaram em diretores dessas instituições.

Os Museus Históricos e Pedagógicos começaram a surgir a partir de 1956 e até 1973 foram formados cinquenta e um museus em todo Estado.

Sólon Borges dos Reis, quando Diretor Geral do Departamento de Educação, pelo decreto nº. 26.218, de 3-8-1956, possibilitou a inauguração dos quatro primeiros Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo nas cidades de Piracicaba, Campinas, Batatais e Guaratinguetá.

Inicialmente a idéia do idealizador dessas instituições era formar museus escolares nessas cidades, demonstrando assim a sua preocupação constante em auxiliar o progresso do ensino brasileiro:

Nas décadas de 1930 e 1940 encontramos uma significativa bibliografia a respeito de novos meios no ensino, onde o papel do museu é quase sempre analisado, o que demonstra ser tema de interesse dos escolanovistas ou de simpatizantes com os métodos da Pedagogia Nova. (MISAN, 2005, p. 111).

Entretanto, seis meses depois (1956), a Secretária de Educação de São Paulo estudou melhor os planos do Professor Sólon e decidiu modificar a finalidade desses museus, tornando-os também históricos, passando os mesmos a preservar a história da nação e a valorizar os grandes personagens da política brasileira que tinham em algum momento de sua vida participada da história desses municípios.

Os primeiros Museus Históricos e Pedagógicos levavam o nome dos presidentes republicanos, uma forma de homenagear essas figuras ilustres que nasceram ou iniciaram sua vida política naquela região: Prudente de Moraes (Piracicaba); Campos Salles (Campinas); Rodrigues Alves (Guaratinguetá) e Washington Luís (Batatais).

O regulamento para implantação desses museus foi escrito por Vinício Stein Campos, convidado por Sólon para dirigir o Serviço de Museus Históricos.

Em sua obra “Elementos de Museologia”, Vinício Stein descreve as dificuldades e conquistas da criação desses museus no Estado de São Paulo, em três volumes, expressa na constituição dos museus no Brasil e em outros países.

Datada de 1970, a coleção de livros denominada “Elementos de Museologia apresenta no volume um e dois, um panorama da formação de vários museus na Europa e Estados Unidos”.

No terceiro, o autor narra a história da formação dos museus brasileiros a exemplo do Museu Paulista e dos Museus Históricos e Pedagógicos fundados em várias cidades do Estado de São Paulo, com destaque para os quatro primeiros museus inaugurados em Piracicaba, Guaratinguetá, Campinas e Batatais.

O primeiro Museu Histórico e Pedagógico foi o de Piracicaba, inaugurado em treze de agosto de 1956, instalado na casa onde viveu e morreu Prudente de Moraes. O museu contou

com a doação espontânea da população para constituir seu acervo, pois iniciou só com um retrato e o diploma de Deputado Provincial do seu patrono.

O Museu Histórico e Pedagógico de Campinas só saiu do papel devido à colaboração do Centro de Ciências, Letras e Artes¹⁰ que disponibilizou uma sala para a instalação do acervo.

No caso de Guaratinguetá, a casa do ex-presidente da República, segundo Stein, ainda em 1970 não passava de um sonho para abrigar o Museu Histórico. A instituição foi criada em 1956, mas só em 1982, ocorreu a sua transferência definitiva para a antiga moradia de Rodrigues Alves.

Apesar disso, por alguns anos permaneceu aberto numa casa alugada por professores, que ajudaram também na aquisição dos objetos que incluem a reprodução da aquarela pintada por Debret; a tela “Vale do Paraíba” de Ernesto Quissak; uma bicicleta de madeira; coleções de armas, móveis, louças, moedas e imagens.

E finalmente o Museu Histórico e Pedagógico “Dr. Washington Luiz Pereira de Sousa”, que em vinte e nove de junho de 1957 foi acomodado em duas salas de um prédio cedido pelo Estado. Hoje ocupa as dependências da Casa de Cultura. O pesquisador e professor Paulo Machado, nomeado para a organização do acervo, no início deparou-se com obstáculos para reunir os objetos da história de Batatais e da trajetória política de Washington Luiz, que foi prefeito desse município e posteriormente Presidente da República.

Nas palavras de Misan há uma construção do imaginário republicano através dos símbolos que neste contexto são os Museus Históricos e Pedagógicos: “Os quatro museus foram criados com um duplo objetivo: preservar a memória dos presidentes paulistas e cultuar o período republicano”. (MISAN, 2009, p.8).

Apesar de deixarem de ser exclusivamente um museu escolar, os museus históricos e Pedagógicos não abandonaram sua missão de educar.

O texto “Os Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo” (2009), ainda deixa claro que esses museus tinham muito das características de um museu escolar ou pedagógico, apesar de dedicação à memória de seus patronos. Segundo Simona Misan, estão presentes, no acervo museológico de quase todas essas instituições, coleções de zoologia, botânica, taxidermia, geologia, arqueologia e antropologia que tinham o intuito de preservar a história natural da região em que o museu estava inserido.

¹⁰CCLA – Centro de Ciências, Letras e Artes é uma entidade cultural particular e sem fins lucrativos, fundada em 1901 na cidade de Campinas. O espaço abriga até os dias de hoje o Museu Carlos Gomes e Campos Salles

A função pedagógica atribuída aos Museus Históricos e Pedagógicos por Sólon Borges dos Reis e Vinício Stein Campos em 1956, demonstra afinidade “com o ideário escolanovista, proposto por Fernando Azevedo, de que a escola deveria ter papel central nas atividades do museu e o museu por sua vez deveria servir prioritariamente à escola” (MISAN, 2005, p. 104). Além disso, no “artigo 2º do decreto nº. 26.218 de 3 de agosto de 1956” formulado por Sólon, a participação das instituições escolares na preparação dos acervos para esses museus e prevista como “formula proposta por Everardo Backheuser e por Fernando de Azevedo ao Museu Pedagógico Central em 1928” (Ibid., 2005 p. 105).

Se retomarmos a idéia da função educativa e de como um museu escolar deve ser organizado numa escola, veremos que há muita semelhança no desejo de preservar a história natural dessas cidades, afinidades essas que propiciam a educação do aluno através da história do lugar onde ele nasceu.

No trabalho de Stein, na criação e organização dos Museus Históricos e Pedagógicos, estavam muito presentes as idéias de concepção dos museus de educação, como afirma Misan em sua pesquisa:

Contudo, não deixamos de analisar histórico de criação e o ideário de museus que, de alguma maneira, pudessem aproximar-se (ou mesmo influenciá-lo) do plano de implantação de museus empreendido por Stein, entre eles, o Museu Escolar Nacional ou Museu Pedagógico Nacional (1883, RJ), o Museu Pedagógico do Pedagogium (1890, RJ), e o Museu Pedagógico Central (1929 RJ). (MISAN, 2009, p.30).

Na fala de Simona Misan, evidenciamos bem a preocupação de Vinício Stein em ministrar cursos de formação para o maior número de professores primários, secundários e alunos das escolas normais que se preparavam para lecionar futuramente. A importância do certificado fornecido ao final do curso de museologia oportunizava aos educadores ascensão na carreira de magistério e a possibilidade de vir a ser promovido para o cargo de diretor num desses museus:

[...], a intensa participação de professores nos cursos de museologia proferidos por Vinício Stein, com o apoio da Secretaria de Educação e do IHGSP, garantia, em certa medida, a sustentação de outra função, além da histórica, designada aos Museus Históricos e Pedagógicos: a função educadora dos museus. (VENÂNCIO FILHO, 1939, p. 50-61 apud MISAN, 2005, p. 93).

É importante que destaquemos o empenho desses dois educadores, Sólon Borges e Vinício Stein, que desenvolveram museus voltados para a Educação, mesmo necessitando mudar o foco principal para a história dos patronos regionais de cada cidade. Assim mesmo, o pensamento “educar o povo” nos aspectos relevantes dos municípios, aonde nasceram, mudou

um pouco os fundamentos dessas instituições conhecidas como Museus Históricos e Pedagógicos, ambientes de formação e valorização do bem comum da sociedade. Por isso, podem-se apontar os intuitos parecidos com os museus escolares (formar e educar pelos sentidos).

3.3 - EXPERIÊNCIAS ATUAIS. “O MUSEU COMO MEMÓRIA DA ESCOLA”.

Presentemente, principalmente, no meio universitário multiplicam-se os museus que buscam preservar a cultura escolar. A título de exemplo foram selecionados três exemplos:

MUSEU DA ESCOLA DE MINAS GERAIS:

O Museu da Escola, de Minas Gerais, teve a sua visibilidade garantida principalmente pelo trabalho da historiadora Ana Maria Casasanta Peixoto e sua equipe.

Abriu suas portas em 1994, sendo a primeira instituição a concentrar um acervo destinado à reconstrução da memória escolar e a “desenvolver e divulgar estudos relacionados ao nosso passado educacional; organizar e socializar um banco de dados [...] estimular a realização de estudos e pesquisa nesta área.” (PEIXOTO, 2005, p. 204).

A formação do museu da escola iniciou-se através de uma investigação nos arquivos de escolas da capital mineira e de várias cidades da vizinhança como, por exemplo, “Mariana, Ouro Preto, Itabirito, Ibirité, Lagoa Santa, Nova Lima, Sabará, Santa Luzia, São João Del Rei entre outros e a preocupação em socializá-lo, disponibilizando aos estudiosos e pesquisadores da área fontes documentais, condição indispensável à reconstituição de nosso passado”. (PEIXOTO, 2008, p. 458). Os documentos e objetos foram encontrados nos grupos escolares e demais materiais vieram de doações que os educadores possuíam em seus arquivos, além de depoimentos orais de professores e alunos, possibilitando juntar cerca de cinco mil documentos.

Nas palavras de Ana Maria, visualiza-se a importância dessa instituição para educação brasileira: “o museu é um dos espaços de representação do mundo, dos seres das coisas e das relações. O que o distingue de outros espaços com essa finalidade, como a ciência, a arte, a religião, entre outros, é o seu papel de guardiões da memória”. (PEIXOTO, 2008, p.457).

Ilustrando as práticas educacionais do cotidiano escolar, o acervo estava disposto em várias salas temáticas formando o museu, laboratório de currículos e uma biblioteca com mais de quarenta mil títulos, desde a sua inauguração no prédio do Centro de Referência do

Professorado. Entretanto, no final do ano de 2006 esse recinto foi desativado com a conseqüente a transferência de todo trabalho realizado pela Professora Ana Maria Casasanta Peixoto. No momento esses materiais tão importantes para o conhecimento da história da educação de Minas Gerais estão provisoriamente abrigados no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), e lá podem ser encontrados, segundo o site da internet www.guientradafranca.com.br/espacoG.php, diversos materiais usados no passado pelas escolas mineiras:

Livros, cadernos, cadernos de caligrafia, fotografias, diários, cartilhas, lousas, jogos pedagógicos, mapas, globos, palmatória, revistas pedagógicas, depoimentos orais, livros infantis, projetores de filmes, boletins, diplomas, lápis, tinteiros, cadernetas escolares, carteiras escolares, merendeiras, cartazes de ensino, ábaco, mimeógrafos, móveis, piano.

Num resgate da própria fundadora do museu sobre os cadernos que fazem parte do acervo, ela conta que o museu possui até o presente momento (2004), cento e cinquenta e nove modelos diferentes, sendo ainda um acervo pequeno, porque não há em nosso país a prática de conservar esse tipo de material.

O acervo de cadernos do Museu da Escola de Minas Gerais abrange material das primeiras décadas do século XX até 1970, “inclui desde cadernos de Língua Pátria, contos, poesias, redação, caligrafia até cadernos de exercícios Decroly, além de relatórios de estágio escolar e de plano de aula.” (PEIXOTO, 2004, p. 275).

Os cadernos permitem uma visão de “valores sociais que a escola deseja incutir nos alunos”. (Ibid., p. 275). Um dos exemplares desses cadernos que circulou por muito tempo, numa análise da capa, foi o conhecido “Avante”, “sempre conclamando os futuros cidadãos a cumprir seus deveres para com a Pátria” (p. 275).

Os cadernos do começo do século eram confeccionados em capa duro e escura, podendo trazer até capa de couro, apresentava “papel de boa qualidade, as folhas são espessas e resistentes.” (p. 275).

Nessa época também surgem as famosas brochuras, cadernos “mais frágeis”, que possuíam o desenho de um soldado na capa, “numa clara alusão à importância do serviço militar para formação da nacionalidade” (p. 275).

Peixoto também nos relata que eram encontrados cadernos especializados de caligrafia que tinham a função de ajudar na aprendizagem da escrita cursiva em “diferentes formatos, chegando, até mesmo, a compor séries organizadas segundo o grau de dificuldade da escrita” (p. 277).

Já nas décadas 1930, com o progresso industrial, a brochura apresenta no modelo de capa figuras de grupos de escoteiros, a bandeira nacional, a flora exuberante do Brasil e na contracapa o Hino Nacional Brasileiro.

E assim nesse pequeno exemplo do estudo sobre os “cadernos”, realizado pela organizadora do Museu da Escola, percebe-se o quanto a sua participação no conjunto dessa obra foi de extrema importância para o resgate da história escola mineral.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO:

O Centro de Memória da Educação (CME) foi uma iniciativa dos professores da área de Educação da Universidade de São Paulo e iniciou suas atividades em 1993 com sede na Faculdade de Educação “por professores dos seus três departamentos (Filosofia e Ciências da Educação, Administração Escolar e Metodologia), preocupados com a localização, recuperação e preservação de fontes históricas”. (MENEZES, 2004, p. 179).

Essa instituição apresenta um trabalho voltado para pesquisa e guarda de documentos que provêm de variadas instituições.

As primeiras atividades desenvolvidas pelo Centro de Memória basearam-se no Projeto “Impressos, Leituras e Instituições Escolares” (MENEZES, p. 181), coordenado por Marta Carvalho e foi desmembrado em seis subprojetos, que contou com o financiamento da Finep. Essas pesquisas compreenderam estudos dos documentos das escolas e da formação de professores da Primeira República das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Entre as investigações desempenhadas podem-se mencionar as pesquisas de Carmem S. Vidigal de Moraes e Circe Bittencourt que trabalharam o tema: “Escola de Instrução Popular: materiais escolares e documentos institucionais”; a de Denice Catani e Cynthia P. de Souza “Imprensa periódica educacional paulista” (1890-1990); “Práticas e representações de leitura na formação de professores paulistanos na Primeira República – estudo de caso da Escola Normal da Praça entre 1890-1925”, desenvolvida Maria Cecília Cortez C. de Souza; e ainda mais três contribuições que enriqueceram o acervo do CME, “Tempos de escola: inventário das instituições escolares femininas na província de São Paulo”, por Maria Lúcia S. Hilsdorf, a de Marta Carvalho “Práticas de leitura de professores e reforma escolar no Brasil (1920-1945)” e da cidade do Rio de Janeiro. Diana Gonçalves Vidal traz a pesquisa “A formação de professores no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1920-1930)”. (MENEZES, 2004, p. 181).

O resultado desse trabalho proporcionou a formação de arquivo com vasta documentação para pesquisa sobre a história da educação: “a publicação livros e catálogos e a consolidação de um centro de pesquisa alojado em cinco salas – consulta reuniões, pesquisa, acervo e mini-museu -, distribuídas em um espaço de cento e cinquenta m²”. (Ibidem, p. 182).

O kit preparado em 2004 pela arquivista Iomar Zaia que compõe o quadro do Centro de Memória da USP é resultado de sua Dissertação de Mestrado e está disponível gratuitamente aos educadores que desejarem organizar em suas instituições, um trabalho de resgate da memória da escola. Composto pelo Jogo Arquivo Perdido “que visa complementar o treinamento de sensibilização para preservação do patrimônio público documental escolar” (ZAIA, 2004, p.1) e tem por objetivo fazer a criança percorrer as salas da sua escola, respondendo questionamentos e elegendo o tipo as documentações que serão introduzidas no jogo.

Também junto com o material, confeccionado para as crianças encontramos um simpático gibi que narra a aventura da Prof^a. Irene e um rato que mora nos porões da Escola do Vale do Paraíso, extremo oeste do Estado de São Paulo, cuja título é “ Em Busca da Memória da Escola” e o manual de organização e cuidado básicos do acervo escolar. Os duzentos exemplares da 1ª edição foram enviados a todas as unidades da USP e outras escolas que o solicitaram. Foram também distribuídos para escolas de Portugal pela Prof^a. Dr^a. Margarida Felgueiras. (Ibid., p. 13).

LIAME (LABORATÓRIO DE INFORMAÇÃO, ARQUIVO E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO) DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS.

O Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação (Liame) em atividade desde 2006, iniciou suas propostas através dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do Programa de Pós - graduação strito-sensu em Educação da Universidade Católica de Santos, na temática de História das Instituições.

O Liame busca a reconstrução da história das instituições da Baixada Santista, levantamento das instituições escolares, dos seus documentos, dos seus educadores, do fim do século XIX e metade do século XX. Tem um pequeno museu escolar, um arquivo e um museu virtual em andamento. Trabalha para a conscientização das escolas na preservação de sua memória, através da formação de arquivos e museus escolares pela própria unidade escolar.

O objetivo do Liame é a “coleta, classificação, ordenamento e arquivamento de materiais e informações sobre a cultura escolar santista, suas instituições e seus sujeitos, visando à preservação desse patrimônio e divulgação dessa memória”.

Inscrito no CNPq, o grupo de pesquisa Liame é coordenado pela Professora Dra. Maria Aparecida Franco Pereira e integrado por pesquisadores, mestres e mestrandos.

Em seu acervo podemos encontrar livros, jornais, Dissertações de Mestrado de 2004-2010; Arquivos pessoais como o do Padre Waldemar Valle Martins (1926-2004), que foi Reitor da Universidade Católica de Santos; da Profª. Maria Lindomar Martins Valle, que era mestra de língua portuguesa, muito considerada na cidade por várias gerações de estudantes; os primeiros livros ponto do Grupo Escolar Cesário Bastos; Boletins, convites de formatura, cadernos, compêndios pedagógicos e obras didáticas.

Essas três iniciativas, Museu da Escola de Minas Gerais, Centro de Memória da USP e o Liame da Universidade Católica de Santos, são exemplos de instituições que cumprem uma admirável missão de resgatar e preservar as memórias da escola e seus educadores, às vezes perdidas no tempo, mas que trouxeram transformação na escola e nas antigas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas realizadas que deram corpo a essa dissertação, foi possível o conhecimento das primeiras experiências de criação dos museus escolares no final do séc. XIX e início do XX. A iniciativa de educadores e museólogos na formação dessas instituições demonstraram a intenção de renovação, a importância do ensino intuitivo e o entusiasmo pela educação, tornando-a um importante instrumento para o progresso do país.

Visualizamos no cenário político das reformas educacionais do Distrito Federal e no Estado de São Paulo o surgimento desses museus que auxiliavam as noções de lições de coisas para aprendizagem das crianças e nas Escolas Normais eram objetos de formação de novos professores.

Encontramos também três denominações para esses museus, que funcionavam como apoio dos profissionais da educação: a primeira qualificação era Museu de História Natural que grande parte das Escolas Normais e Grupos Escolares possuíam ainda com visão da Educação Tradicional: eram objetos intocáveis e guardados, fora do alcance das crianças, para o uso exclusivo das aulas de Ciências Naturais. Já os Museus Escolares que muitas vezes absorveram o de História Natural, possuíam uma conotação de renovadores do ensino, tornando-o mais ativo, com a participação dos alunos.

O terceiro nome descoberto nos manuais de educação foi Museu Pedagógico, que possuía a função de aperfeiçoar e atualizar os educadores, mostrando o que havia de mais adiantado no contexto das inovações para ensino.

A proposta de desenvolvimento dessas instituições veio de encontro a divulgação das novas idéias que iriam revolucionar as escolas a partir do ensino intuitivo ou lição de coisas, que se baseava na aprendizagem de forma concreta, mas que necessitava de materiais específicos para sua realização encontrados nesses museus.

Posteriormente o Código de Educação do Estado de São Paulo dá a esses museus o devido valor, ressaltando os seus serviços prestados à sociedade e criando regras para sua formação, com intuito de auxiliar o processo educacional.

Esse documento apresentou também os três principais tipos de museus, Museu de Classe; Museu da Escola e Museu Central com a definição e atribuição de cada um para o ensino.

Estudos também do Código de Educação do Estado de São Paulo sobre o museu escolar possibilitaram a edição de manuais pedagógicos atribuídos a ilustres educadores como

Backheuser; Amaral Foutora e D'Àvila entre outros, que deixaram suas contribuições nas Escolas Normais, para formação das novas educadoras.

O museu escolar e o pedagógico podem ser conceituados primeiramente como “museu e aprendizagem” e posteriormente adquiriram a importância de “museu e memória”.

No período entre o final do séc. XIX e metade do XX, essas instituições apresentavam a conceituação de “museu e aprendizagem”, sendo construtoras da instrução das novas profissionais do ensino e instrumento condutor das práticas escolares a serem desenvolvidas em parceria entre o museu e a escola, segundo as inovações pedagógicas vigentes na época. O museu, então, era instrumento importante do método intuitivo.

A conceituação de “museu e memória” possibilita a reconstituição a partir de pesquisas sobre a história da educação em nosso país nos dias atuais, trazendo aspectos importantes do passado para se pensar o futuro. Além de tornar possível a guarda da memória da escola nas instituições criadas nas universidades.

Foram privilegiadas também nesta dissertação as experiências de Bertha Lutz e Leontina Silva Busch.

A primeira experiência foi a da Prof^a. Leontina Silva Busch que, direcionada pelo Código de Educação do Estado de São Paulo em 1936, desenvolveu novos conceitos de aprendizagem junto às futuras professoras, construindo um Museu Didático na Escola Normal “Padre Anchieta” e divulgando seu trabalho na obra “Organização dos Museus Escolares”.

Há que se estudar outros educadores que vivenciaram experiências semelhantes a dessa educadora, para verificar se realmente essas contribuições surtiram efeito esperado para a educação.

A segunda, foi a partir dos relatórios de viagem de Bertha Lutz, para o conhecimento de novas instituições museológicas que desenvolviam um trabalho com as crianças, nos museus dos Estados Unidos em conjunto com as escolas.

Espero que esta pesquisa traga novos conhecimentos nesta área de museus voltados para educação. Questionamentos ficaram ainda no ar a respeito da contribuição efetiva dessas viagens pedagógica para renovação do ensino e formação de educadores. E a existência disseminada desses museus escolares.

Um aspecto fundamental seria a abordagem a partir de entrevistas, depoimentos ou memórias de frequentadores – alunos e professores – desses museus escolares.

Existe muito a ser pesquisado sobre essas instituições museológicas e o papel que exercem para reformulação da educação, quando unida ao cotidiano escolar.

O objetivo inicial desta pesquisa era conhecer o papel desempenhado pelos museus escolares, instituições auxiliares da escola, na renovação do ensino brasileiro e introdutório da aprendizagem concreta das crianças.

No entanto a pesquisa revelou também a importância dessas instituições no período transitório entre o ensino tradicional e a renovação educacional, a partir da criação desses museus; das viagens de estudo de educadores e de experiências bem sucedidas na formação das novas gerações de estudantes. Assim, esta dissertação deve conduzir a novas pesquisas sobre museus, educação e seus artefatos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

I. FONTES:

Anuário do Ensino Estado de São Paulo, 1935-1936.

Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1936-1937.

A Maison Deroylle e a Educação Brasileira. **CEMI - Centro de Memória Institucional do ISERJ.** Disponível em: <http://cemiiserj.blogspot.com/2011/07/maison-deroylle-e-educ>. Acesso em 25 nov. 2011

BUSCH, Leontina Silva. **Organização de Museus Escolares.** São Paulo: Empresa Brasileira, 1937.

Código de Educação do Estado de São Paulo, 1933.

Decreto que regula as suas equiparações: Escolas Normais Livres, 17/12/1930, livro 61, p.20. Documento existente na secretaria do Colégio São José de Santos.

LUTZ, Bertha Maria Julia. **A Função Educativa dos Museus.** Apresentação e Organização de Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional: Niterói; Muiraquitã, 2008.

O ensino no Brasil em 1937. Serviço de Estatística da Educação e Saúde (órgão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: IBGE, 1943.

Museu e Escola: educação formal e não – formal. **Salto para o Futuro/TV Escola.** Secretaria da Educação a Distância, Ministério da Educação, ano XIX, nº. 3, maio 2009.

II. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

AMARAL FONTOURA, Afro do. **Fundamentos de Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1964.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. Bertha Lutz, uma mulher notável. In: PEREIRA, Maria Aparecida Franco (org.). **História da mulher na história**. Santos: Leopoldianum, 1997. p. 107-126.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Fernando de. **A Transmissão da Cultura**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

BACKHEUSER, Everardo. **Manual de Pedagogia Moderna**. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

BALDAN, Merilin. Pro Pátria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira, Resenha de BASTOS, Maria Helena Câmara, Bragança Paulista, EDUSF, 2002, 350 p. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 23, p. 209-211, set.2006. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/res2_23.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2010.

BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. v. X, tomos III e IV; 1981, v.x,t. II.

BARREIRA, Luiz Carlos. Everardo Adolpho Backheuser. In: FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 332-339.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **O Pedagogium – registros de memórias da educação no Brasil (1890-1919)**. Disponível em: <<http://web.letras.up.pt-7clbheporto-trabalhosfinais-eixo6-If180.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2008.

_____. A educação como espetáculo. In: STEPHANOV, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil, vol. II: Séc. XIX**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 116-131.

_____. Jardim de Crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1983). In: MONARCHA, Carlos (org.). **Educação da Infância Brasileira (1875-1983)**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 31-80.

BENITO, Agustín Escolano. Las culturas de la escuela em Espana. Três cortes historiográficos. In: Pro-Posições: **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação – UNICAMP** –v. 16, n.1[46], jan./abr.2005. p. 41-63.

CALKINS, N. A. Primeiras Lições de Coisas. In: **Obras Completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950. v.XIII, t. I.

Colégio Marista Arquidiocesano: **Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo**. Catálogo, [s/d].

CAMPOS, Vinício Stein. **Elementos de Museologia: História dos museus**. São Paulo: Secretária de Cultura, Esporte e Turismo, 1970. 3 v.

CARNEIRO, Lélia Busch Alves. **Biografia da Profa. Leontina Silva Busch**. São Paulo, 1972 (inédito).

CARREÑO, Miryam; COLMENAR, Carmen; EGIDO, Immaculada; SANZ, Florentino. **Teorias e Instituciones Contemporâneas de Educación**. Madrid: Síntesis Educación, 2002. p. 13-43.

CARVALHO, Marta. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 291-309.

_____. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Educação e Política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 115-132.

CHAMON, Carla Simone. **Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Centro de Referência Mario Covas. Escola Normal Padre Anchieta.
Disponível:< www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2010.

Colégio Marista Arquidiocesano: 150 anos de Fundação – 100 anos de Gestão Marista.
Revista Ecos. São Paulo: FTD, nov.2008.

COSTA, Firmino. **Pela escola ativa**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

D' ÁVILA, Antônio. **Práticas Escolares**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1951. v.2.

FALARZ, Nicephoro Modesto. Organização dos museus escolares: sua importância. In: COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denílson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). **I Conferência Nacional de Educação**. Brasília: INEP, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. As Retóricas da Reformas. In: _____; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; SANTOS, Marileide Lopes dos (orgs.). **Reformas Educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen Antonio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139 – 159; jan./abr.2004.

FELGUEIRAS, Margarida Louro; SOARES, Maria Leonor Barbosa. O projeto”para um museu vivo da escola primaria” – concepção e inventário. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades e leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 105-130.

FERNANDES, Rogério. A história e os seus registros: o que fazer com este museu? In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades e leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 131-143.

FRANCO, Julio de Lima. **Catálogo da Biblioteca do Museu Escolar Nacional**. Rio de Janeiro, TYP. de G. Leuzinger e Filho, 1885. Disponível:
<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo/tx100.html>>. Acesso em: 2 set. 2008.

GONDRA, José Gonçalves. Exercício de Comparação: um normalista da Corte na Europa. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 65-89.

JUBILEU de Ouro da Prof^a. Leontina Silva Busch. **Gazeta de Limeira**, 1969.

JULIA, D. A cultura escolar com o objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p. 9-43, jan./jun.2001.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As Grandes Festas Didáticas – a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001. p. 198-245.

LEÔNICIO, Carlos, S.S. **Manual Teórico – Prático para uso do educador**. Salvador: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

LIAME. Portal da Universidade Católica de Santos. Disponível em:
<www.unisantos.br/posgraduacao/>. Acesso em: 23 set. 2009.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1971. p. 227- 241.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. O Decreto de Leôncio de Carvalho e os Pareceres de Rui Barbosa em Debate: A criação da escola para o povo no Brasil no séc. XIX. In: STEPHANOV, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil, v. II: Séc. XIX**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 91-103.

MAGALHÃES, Justino. Educação e Memória. Arquivo e Museus: Desafios à prática educativa e à investigação histórica. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes (orgs.). **A educação e seus sujeitos na História**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p. 179-189.

MATE, Cecília Hanna. **Tempos Modernos na Escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira**. Bauru, SP: EDUSC; Brasília, DF: INEP, 2002.

MISAN, Simona. **A Implantação dos Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo (1956-1973)**. 2005. 274 f ++ anexos. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Os Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**.

Disponível: < www.scielo.br/scielo.php?pid=SO101...script>. Acesso em: 24 jun.2009.

MONTE, Paulo. Museu Pedagógico. **Revista do Ensino**. Belo Horizonte, ano VII, n. 84, p. 3-6, 1933.

MONTEIRO, A. Reis. **História da Educação: do antigo “direito de educação” ao novo “direito à educação”**. São Paulo: Cortez, 2006. p.94-150.

MUNIZ JR., J. **De escola de aprendizes a Museu de Pesca**. Santos: Gráfica da Faculdade de Comunicação da Unisantos, 1986.

Museu da Escola de Minas Gerais – IEMG. Disponível:

<www.guiaentradafranca.com.br/espacoG.php>. Acesso: 29 set. 2010.

NADAL, Elvira. História do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. **Grifo Projetos Históricos e Editoriais [s/d]**.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. A Educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). **O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. (História Geral da Civilização Brasileira). São Paulo: Difel, 1977. v. 9

NOSELA, Paolo; BUFFA, Ester. **As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico**. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 21 out. 2008.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973.

PATRASCOIU, J. **Dicionário Pedagógico Ilustrado**. Buenos Aires: A.Garcia Santos, 1923.

PEIXOTO, Afrânio. **Noções de História da Educação**. São Paulo: Nacional, 1933.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. Museu da escola: uma leitura em aberto. In: MENEZES, Maria Cristina. (org.). **Educação, memória, história: possibilidades e leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 265-286.

_____. **Museu da Escola de Minas Gerais e Produção de Conhecimento em História da Educação**. Disponível em: < www.faced.ufu.br/columbe06/anais/a>. Acesso em: 13 maio 2008.

_____. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: VIDAL, Diana Gonçalves; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (orgs.). **Muses: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. p. 203-219.

PESCUMA, Derma; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Trabalho Acadêmico-O que é? Como fazer?** Um guia para sua elaboração. 4. ed. São Paulo: Olho d'água, 2008.

_____. **Referências Bibliográficas: um guia para documentar suas pesquisas incluindo internet, cd-rom, multimeios**. 6 ed. São Paulo: Olho d' água, 2008.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista**. Campinas: Autores Associados, 1995.

ROSA, Maria da Glória de. **A história da educação através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 281-313.

SAMPAIO, A. Moraes. A Margem dos Livros: A organização de museus escolares, da prof^a. Leontina Silva Busch. **Gazeta de Limeira**, Limeira, 1938.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1952. p. 485-513.

_____. **Metodologia do Ensino Primário**. São Paulo: Nacional, 1957.

_____. **Manual do Professor Primário**. São Paulo: Nacional, 1966.

SARTI, Andrea. Cinco coisas que você deve saber sobre o Arquidiocesano. **Revista Emfamília**. São Paulo: Ruah, p. 26 e 27, ago.2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Escola Normal no Brasil**.
Disponível:<www.histedbr.fae.unicamp.br/.../verb_c_escola_normal_no_brasil.htm>.
Acesso em: 8 maio 2010.

SCHELBAUER, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOV, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil - Séc. XIX**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 2.

_____; SILVA, Gescielly Barbosa da; ROSIN, Sheila Maria. Um estudo sobre a Psicologia da Educação em quanto Disciplina Curricular na Escola Normal Secundaria Maringaense. **Seminário de Pesquisa**. Universidade Estadual de Maringá, 2008.

SILVA, Maria do Carmo Ribeiro da. **Panoramas Pedagógicos da Educação Primária**. [s/l] Pol-Editorial Pontes [s/d].

SILY, Paulo Rogério Marques. Práticas Educativas do Museu Nacional do Rio de Janeiro no início do século XX. **V Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a Pesquisa em História da Educação**. Aracaju – Sergipe, 9 a 12 nov. 2008.

_____; SANTOS, Josy de Almeida. Ações Educativas do Museu Nacional Para Divulgação Das Ciências e Popularização Da Cultura Brasileira Nas Décadas de 1920 e 1930. **VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil**. Vitória – Espírito Santo, 16 a 19 de maio, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Edit. Unesp, 1998.

VALENTE, Maria da Gloria. O Museu da Escola Regional. **Revista Nacional de Educação**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, n.10, p.65-84. jul.1933.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **A educação e seu aparelhamento moderno**. São Paulo: Nacional, 1941.

VIANA, Mário Gonçalves. **Pedagogia Geral**. 2. ed. Porto: Figueirinhas, 1953.

VIDAL, Diana Gonçalves; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **MUSEUS: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

_____. O museu escolar brasileiro: Brasil, Portugal e a França no âmbito de uma história conectada (final do séc. XIX). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto (orgs.). **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica [s/d].

_____. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). **A memória e a sombra – a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. O Centro de Memória da Educação (USP): Acervo Documental e Pesquisas em História da Educação. In: MENEZES, Maria Cristina. (org.). **Educação, memória, história: possibilidades e leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

III. ENTREVISTAS:

1. Hilda Franco Brandão, ex-aluna do Colégio São José, turma de 1923, entrevistada em 27/10/2009, por Ana Maria Lourenço Poggiani.
2. Djanira Rangel, ex-aluna do Colégio São José (1959), entrevistada em 30/10/2009, por Ana Maria Lourenço Poggiani.
3. Lélia Busch Alves Carneiro, filha da Prof^a. Leontina Silva Busch, entrevistada em 8/9/2010, por Ana Maria Lourenço Poggiani.

IV. CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES:

1. Acervo do Colégio São José – Santos: Fotos 1,2,3,4.
2. Acervo de Ana Maria Lourenço Poggiani: Fotos 5,6,7,16,19.
3. Acervo do Colégio Marista Arquidiocesano: Fotos 8,9,10,11,12,13.
4. Acervo de Lélia Busch Alves Carneiro: Foto 14.
5. Livro: Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Edit. Unesp, 1998, da Prof^a Dra. Rosa Fátima de Souza: 15.
6. Livro: LUTZ, Bertha Maria Julia. **A Função Educativa dos Museus**. Apresentação e Organização de Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional: Niterói; Muiraquitã, 2008: 17,18,20,21,22,23,24.

ANEXOS

1. Código de Educação do Estado de São Paulo, 1933, p. 39.....	97
2. Código de Educação do Estado de São Paulo, 1933, p. 40.....	98
3. Código de Educação do Estado de São Paulo, 1933, p. 41.....	99
4. SAMPAIO, A. Moraes. A Margem dos Livros: A organização de museus escolares, da Profª. Leontina Silva Busch. Gazeta de Limeira , Limeira, 1938.....	100
5. Jubileu de Ouro: Da Profª. Leontina Silva Busch. Gazeta de Limeira , Limeira, 1969.....	101
6. Desenho realizado por um aluno da Escola Estadual “Leontina Silva Busch” e assinado por todos os integrantes da instituição – Limeira, 2001.....	102
7. Desenho realizado pelo aluno Felipe Gonçalves da Escola Estadual “Leontina Silva Busch – Limeira, 2001.....	103
8. Jogo “Mapa Relevo-A Bahia de Santos”. Museu Didático da Escola “Padre Ancieta”. Livro: “Organização de Museus Escolares” Autora: Leontina Silva Busch, p.134-136.....	104
9. “Jogo Paulista”. Museu Didático da Escola “Padre Ancieta”. Livro: “Organização de Museus Escolares” Autora: Leontina Silva Busch, p.89-91.....	105
10. Sumário do Livro: “A Função Educativa dos Museus”, Bertha Lutz.....	106
11. Decreto que regula as suas equiparações: Escolas Normais Livres, 17/12/1930, Livro 61, p. 20. Documento existente na secretaria do Colégio São José de Santos	107

12. Carta de um aluno para a sua avó, publicada na Revista Ecos, de 1947.
Fonte: NADAL, Elvira. História do Colégio Marista Arquidiocesano de São
Paulo. **Grifo Projetos Históricos e Editoriais**, [s/d].....108

CAPITULO X

Do Serviço de Bibliotecas e Museus Escolares

Art. 106 — O Serviço de Bibliotecas e Museus Escolares tem por fim despertar, nos alunos, de acôrdo com suas tendências, sexo e idade, o gôsto pela leitura de cunho literário ou científico, e tornar o ensino intuitivo, prático e experimental, no sentido de facilitar a compreensão de todas as matérias do programa escolar.

Art. 107 — Para a consecução dêsse objetivo, haverá, em cada estabelecimento de ensino, desde o **pre-primário até o** de grau superior, uma biblioteca e um museu escolar.

Art. 108 — Anexa às bibliotecas escolares haverá uma secção destinada ao pessoal docente das escolas, para constante renovação cultural, pedagógica e científica.

Art. 109 — Para a organização das bibliotecas escolares, poderão os diretores e professores das escolas valer-se dos seguintes recursos:

- 1 — contribuição das associações de pais e mestres;
- 2 — auxilio das municipalidades;
- 3 — doação de livrarias e casas editoras;
- 4 — produtos de festivais.

Art. 110 — As bibliotecas serão circulantes ou fixas.

Art. 111 — O movimento das bibliotecas processar-se-á por sistema análogo ao da Biblioteca Central de Educação do Departamento de Educação.

Art. 112 — A direção das bibliotecas ficará a cargo do diretor e dos professores das escolas, aos quais caberá administrar-lhes os bens e selecionar-lhes as obras.

Art. 113 — A guarda das bibliotecas será confiada a alunos escolhidos, a critério do professor ou diretor do estabelecimento.

Art. 114 — As bibliotecas e os museus escolares fornecerão anualmente á chefia do respectivo Serviço, quanto às

bibliotecas: dados estatísticos de todo o movimento, não só relativo ao numero de obras lidas e consultadas, como ao de leitores e consulentes: total e relação das obras existentes, com discriminação do gênero; e demonstrações de receita e despesa; e, quanto aos museus: relação e quantidade do material que nêles figura; exposição dos recursos com que contam para sua manutenção e conservação; noticia sôbre influencia social por êles exercida.

Art. 115 — Os museus compreenderão coleções de objetos e de produtos industriais, comerciais e agrícolas da região, colhidos e renovados pelos próprios alunos em suas excursões escolares.

Art. 116 — Haverá três tipos de museus:

- 1 — museu de classe;
- 2 — museu de escola;
- 3 — museu central.

§ 1.º — O museu de classe deve revelar, de maneira prática, o trabalho de cooperação dos alunos, em classe, guiados pelo professor, no tratar dos diversos assuntos que constituem as aulas.

§ 2.º — O museu de escola deve conter, além de exemplares de matéria prima e produtos manufaturados da região, o repositório dos trabalhos mais interessantes e originais das diversas classes do estabelecimento, afim de que possa servir a toda a comunidade escolar e social.

§ 3.º — O museu central, aparelho coordenador e irradiador de todo o material de aplicação e utilidade pedagógica, visará particularmente pôr ao alcance do professor todos os elementos de trabalho e informações, que possam ser uteis á prática e á renovação das técnicas do ensino.

Art. 117 — Para a organização dos museus, que será obra de cooperação entre todas as instituições sociais, recorrer-se-á aos seguintes meios:

- 1 — fornecimento de material pelo Almojarifado do Departamento de Educação;
- 2 — auxilio das municipalidades;
- 3 — dádivas particulares;
- 4 — contribuição dos pais dos alunos;
- 5 — doação de casas comerciais;
- 6 — produtos de festivais.

Art. 118 — O museu de classe será organizado e dirigido pelo respectivo professor, auxiliado pelos alunos.

— 41 —

Art. 119 — O museu de escola será organizado por uma comissão de professores, designada pelo respectivo diretor, e por êste dirigida.

Art. 120 — O museu central será organizado e dirigido pelo Chefe do Serviço de Bibliotecas e Museus Escolares do Departamento de Educação.

3. Código de Educação do Estado de São Paulo, 1933. p. 41.

Gazeta de Limeira

1969

JUBILEU DE OURO

Da Prof.^a Leontina Silva Busch

A Liga de Professorado Católico de S. Paulo é a única instituição de professores do Estado que promove anualmente no Dia do Professor, na «Casa de Anchieta» — Pátio do Colégio — uma significativa e brilhante solenidade de justa homenagem aos educadores, após vida laboriosa, logram atingir o seu cinquentenário de diplomação. A essa solenidade comparecem autoridades de ensino, religiosas, intelectuais, representantes de entidades culturais, grupos corais, declamadores, professores e estudantes normalistas, estes últimos compondo números interessantes de programa da sessão. Além de discurso de abertura pela presidente sra. profa. Maria de Carmo de Godoy Ramos, houve tres saudações: da juventude, pelas professorandas Maria Tereza Piza Nogueira Cobra, do Instituto «Caetano de Campos», e Regina Resende Galvão do Instituto «Padre Anchieta»; da infância, pelas meninas Any Ohanian e Nives Zamboni;

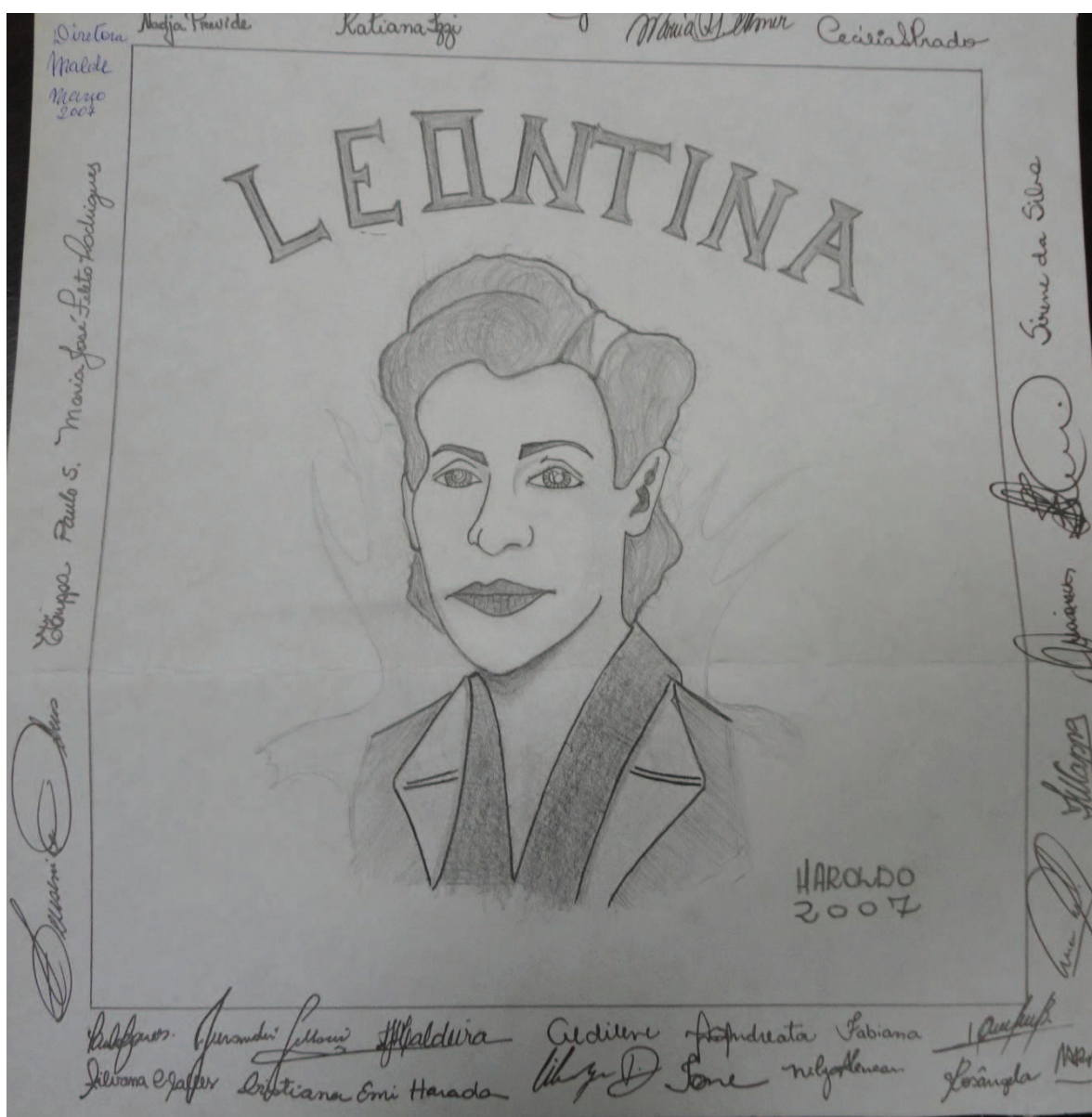
de saudação da mestra do ano de 1917, sra. Carolina Ribeiro, aos mestres de 1919, e a declamação de homenagem pela profa. Gracy G. Pinto Ferraz.

A cada professor de 1919 presente foi entregue um diploma contendo expressiva mensagem condensando a significação de Jubileu de Ouro.

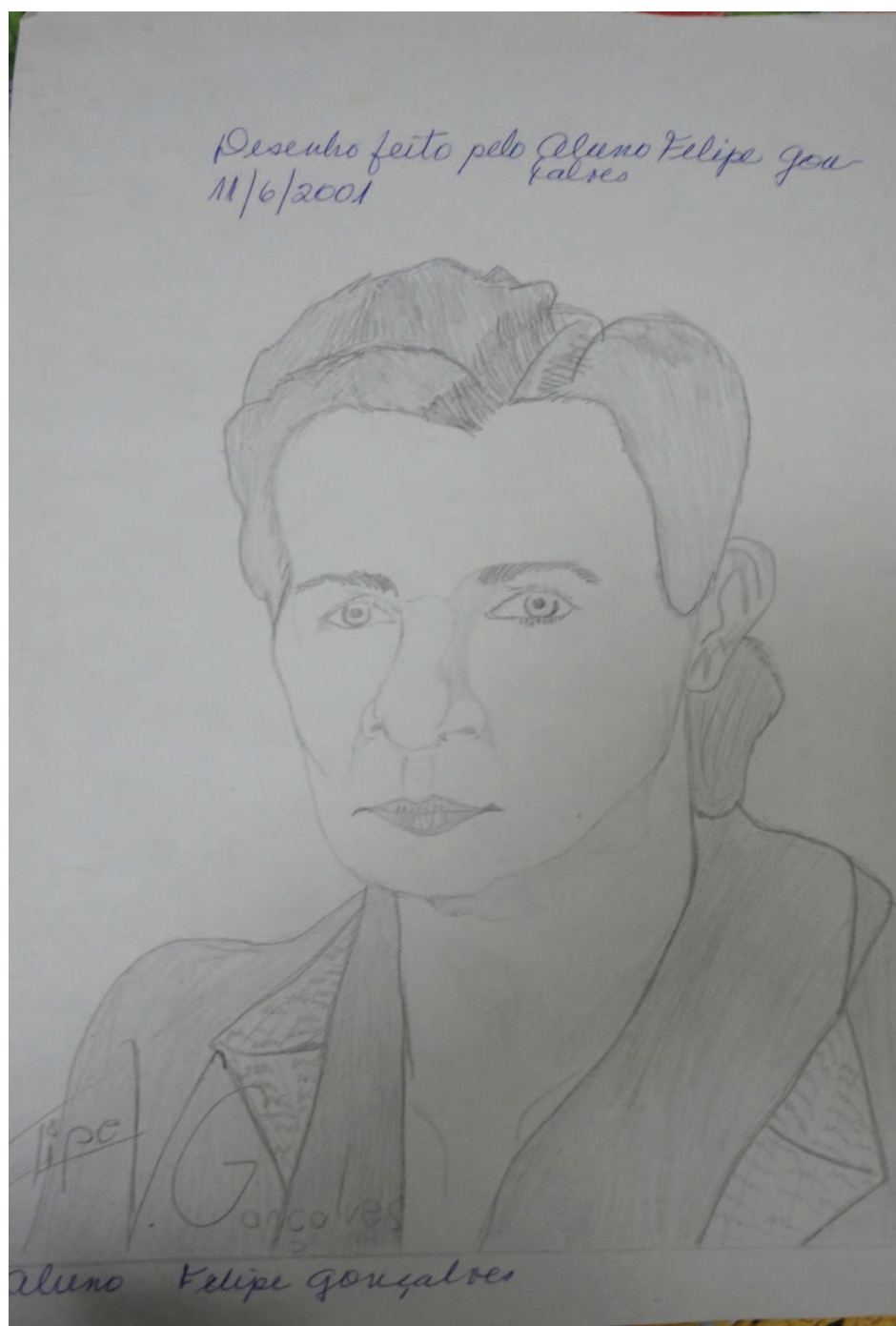
Limeira esteve presente nessa maravilhosa solenidade. A profa. Leontina Silva Busch, diplomada pela antiga Escola Normal de Pirassununga, da turma de 1919, exma. esposa do dr. Reynaldo Kuntz Busch, recebeu sua mensagem «Jubileu de Ouro». É oportuno recordar que a profa. Leontina, ornamento que era da sociedade limeirense, aqui iniciou sua carreira como professora rural, depois adjunta no Grupo Escolar «Cel. Flaminio Ferreira». Foi sucessivamente adjunta dos grupos escolares «Dr. Orozimbo Maia» de Campinas, «Prof. Frontino Guimarães», da Capital, depois professora da Es-

cola «Caetano de Campos». Exerceu os cargos de professora assistente de Prática de Ensino nas Escolas Normais de Pirassununga e «Padre Anchieta» da Capital, onde também foi diretora da Escola Modelo anexa, revelando sempre alta eficiência educativa e espírito de renovação do ensino. Publicou em 1940 «Organização de Museus Escolares», com base na sua experiência pessoal quando organizou o Museu Didático da Escola Normal «Padre Anchieta». Publicou valiosos trabalhos de orientação pedagógica no IDORT, na Revista da Educação, e numerosos artigos sobre assuntos educacionais através do SPES, em rede de jornais do interior.

É com elevado espírito de justiça e sincero júbilo que registramos, embora com algum atraso, para o orgulho e os aplausos de toda a sociedade limeirense, essa saudável, feliz e brilhante jubilação professoral de d. Leontina Silva Busch.



6. Desenho realizado por um aluno da Escola Estadual “Leontina Silva Busch” e assinado por todos os integrantes da instituição. - Limeira, 2001.



7. Desenho realizado pelo aluno Felipe Gonçalves da Escola Estadual “Leontina Silva Busch” - Limeira, 2001.

MAPPA-RELEVO — A Bahia de Santos

(Modelado pela professoranda Helena Giuzio, do 2.^o anno D).

Objectivo especial — Dar uma noção concreta sobre a configuração das ilhas de S. Vicente e Santo

Amaro, da localização das cidades de Santos e S. Vicente, do Caes do Porto, etc.

Grau a que se destina — Do 2.^o ao 4.^o anno.

Organização — Sobre uma chapa de ferro ou zinco de 3 mm. de espessura (melhor do que prancha de madeira), medindo 60 por 40 cents., traça-se o contorno da Bahia de Santos. Em seguida, dá-se início à modelagem da ilha e da parte continental que a contorna, observando-se na representação do relevo a devida relação com a extensão dos accidentes figurados.

Ilha varios typos de massa plastica, porem preferimos a de vidraceiro, depois de experimentar as demais com menor exlto.

Os seguintes accidentes geographicos foram marcados com numeros identicos aos que figuravam na respectiva relação nominal em ficha annexa ao mappa-relevo: Pontos cardeaes, centro da cidade de Santos, Monte-Serrat, Caes do Porto, Entrada da Barra, Praias, Fortaleza de Itaípu, S. Vicente, Ponte Pencil, Rio Casqueiro, Antigo Porto de S. Vicente, Leito da S. P. Railway, Ponte desta sobre o braço de mar, Leito da Sorocabana (Santos-Juquiá), Ponte desta, Estrada de Rodagem, Ilha de Santo Amaro, Guarujá e Canal da Bertioga.

Material do mesmo typo que foi construido: O Estado de S. Paulo, o Município da Capital e a Bahia de Guanabara.

8. Jogo "Mapa Relevo-A Bahia de Santos".
Museu Didático da Escola "Padre Ancieta".
Livro: "Organização de Museus Escolares".
Autora: Leontina Silva Busch, p.134-136.

JOGO PAULISTA

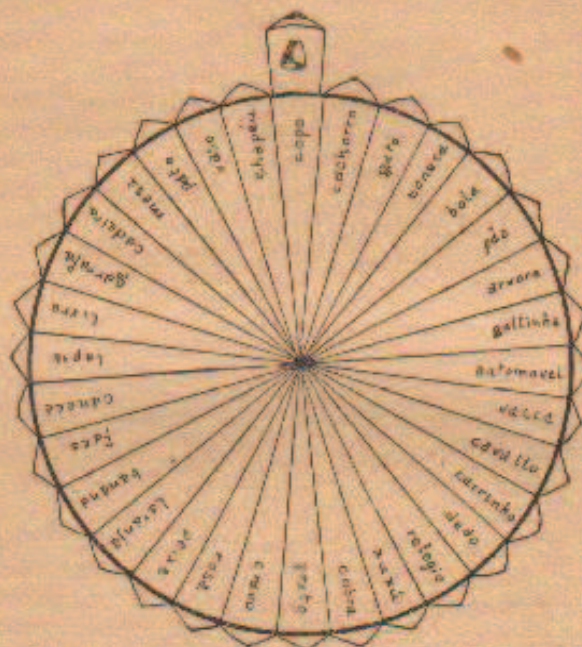
(Construído e applicado pelo grupo "Montaigne", do 2.º anno B).

Grav a que se destina — 1.º, em phase de adiantamento medio.

Objectivo especial — Perfeito dominio de palavras conhecidas.

Organização — Consta de um circulo de madeira coberto de papel branco, de 35 cents. de diametro, dividido em 32 segmentos, cada um contendo uma palavra conhecida escripta. Ex.: vassoura, chapéu, copo, cachorro, etc. Correspondendo a esses segmentos, ha pequenos triangulos de cartolina vermelha, que a um simples manejo apresentam o desenho referente á palavra escripta.

No centro ha um ponteiro movei de madeira preta.



Técnica — Podem jogar dois partidos, constituídos de 5 crianças cada um. A primeira criança dá um impulso ao ponteiro fazendo-o girar, e deverá esperar que este pare para ler em voz alta a palavra apontada.

Si acertar, terá o prazer de identificar a palavra com seu desenho, puxando pelo triângulo vermelho e ganhando um ponto para seu partido, além do direito de mover o ponteiro outra vez. Si errar, não gozará desse prazer, porque outra do outro partido tomará seu lugar.

Tendo jogado todas as crianças, verifica-se pela contagem de pontos qual o partido vencedor e pode-se começar nova partida.

9. "Jogo Paulista".

Museu Didático da Escola "Padre Ancieta".

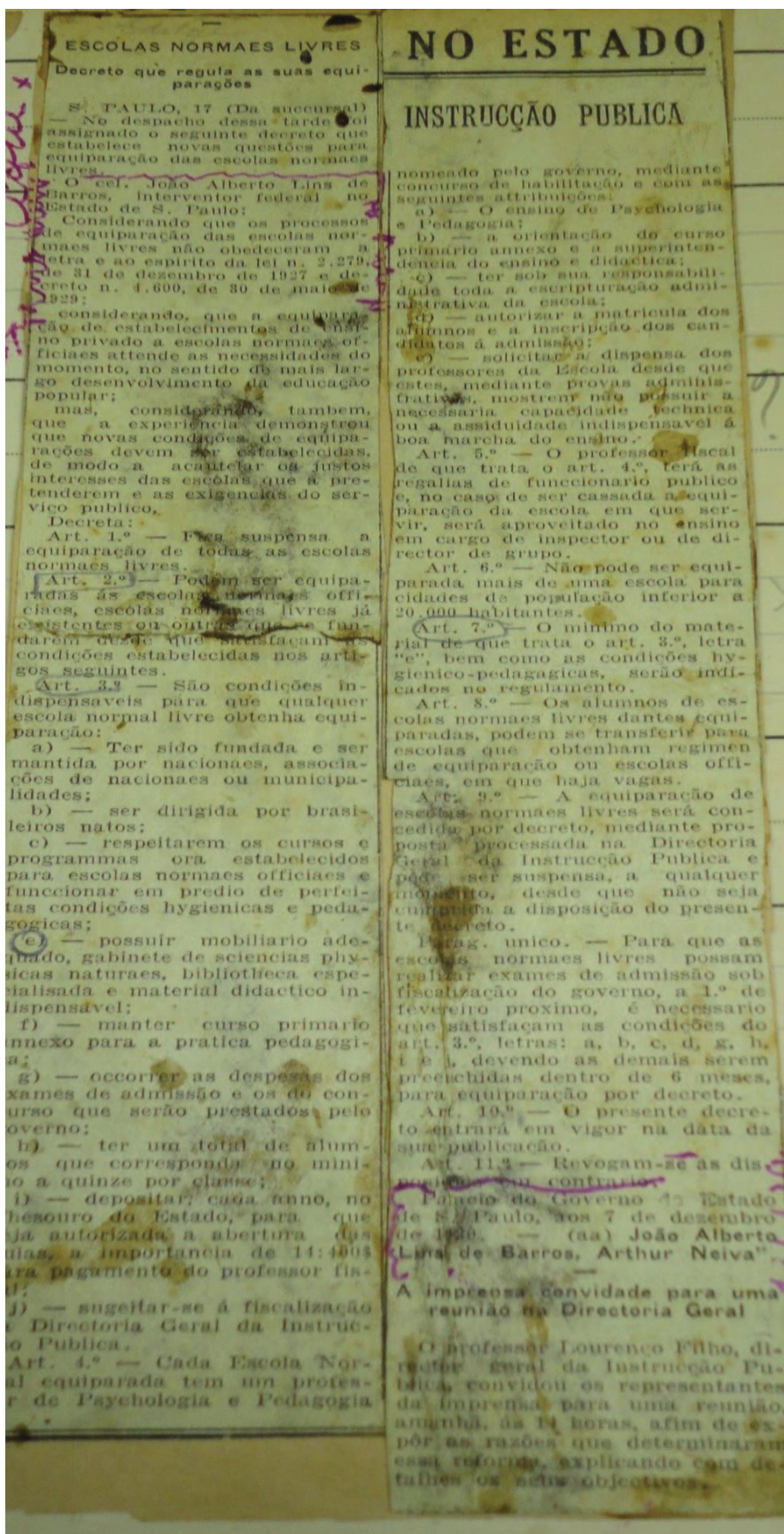
Livro: "Organização de Museus Escolares".

Autora: Leontina Silva Busch, p.89-91.

Introdução
A evolução do museu
O conceito clássico e o conceito moderno de museu
Fatores evolutivos e diretrizes da evolução
Marcos decisivos
Sumário
O museu em si
Propaganda
Localização
Arquitetura
Dosagem
Arquitetura interna
Dependências indispensáveis ao museu moderno
Aparelhamento e mobiliário
Sumário
Metodologia educativa do museu
A educação visual
Métodos complementares
Métodos dinâmicos
Sumário

Educandos e educadores
Educandos
Educadores
A mulher no museu
Conselhos femininos auxiliares
Sumário
O museu em ação
Atividades centrais
Museu ao ar livre
O museu e a criança
Atividades extensivas
Sumário
Palavras finais
Bibliografia
Figuras
Notas complementares (dos organizadores)
Referências (dos organizadores)
Índice onomástico
Índice de assuntos

10. Sumário do livro: “A Função Educativa dos Museus”, de Bertha Lutz.



11. Decreto que regula as suas equiparações: Escolas Normais Livres, 17/12/1930, livro: 61, p. 20.

Publicada na revista *Ecos*, de 1947, a carta de um aluno para a sua avó é uma radiografia da vida que levavam os internos do Arquidiocesano no auge do sistema de internado:

"Querida vovozinha,

Escrevo-lhe hoje, sábado, porque o estudo da noite é livre. Aproveito a folga para contar à senhora a minha vida no colégio.

Como a senhora sabe, estou na divisão dos menores. O Irmão regente não está para brincadeiras, mas é muito bonzinho. Eu sou chaveiro. Abro a porta do estudo. É bom porque assim não devo andar na fila.

O pior é levantar cedo: 15 para seis. Porém, eu o faço com gosto, porque devo estudar muito para os exames que aí vem. Tomo banho morno e escovo os dentes como a senhora mandou.

Depois temos a missa. Gosto muito da capela. Amanhã vou comungar, e rezarei para todos os de casa. A senhora sabe que sou Cruzado: tenho uma bonita fita amarela. Durante a missa vou cantar junto ao órgão.

O café é logo depois. Acabei o bolo que a senhora mandou. Distribuí para todos os da mesa, pois o Irmão da Cruzada diz que se é mais feliz quando se agrada aos outros.

Ontem tivemos ginástica. Temos três vezes por semana. É formidável. O instrutor inventa cada brincadeira, e gosto muito. Estou ficando grande. Já tenho um metro e 35 e peso 28 quilos. Medimos outro dia na enfermaria.

Para o ano quero ver se o Irmão regente me põe no 1º Quadro de futebol. Eu jogo no 2º.

Hoje fiz uma composição. Descrevi o dia de anos do Juquinha. Como vai ele? Não esqueça de vir me buscar para a festa deste ano. Talvez o Irmão reitor deixe.

Na aula de geografia é que não tive sorte. A composição não me deixou tempo, e não soube mostrar o trópico de Capricórnio. Agora sei. No recreio do almoço tive que estudar a lição. Foi bom porque choveu, e não houve jogo.

Quinta-feira passada dei uma volta pelo colégio. Foi quando voltava da enfermaria. Passei junto ao laboratório. O pessoal do 3º colegial fazia experiências. Mais tarde também farei.

Ao lado é o museu. É muito gozado. Tem bichos bonitos e caveiras muito feias. Entrei na biblioteca do Irmão Amâncio. Ele gosta de mim porque foi professor do papai. Eu jogo também pingue-pongue e bilhar japones. As outras divisões têm, de verdade, com bolas.

Também estudo piano. Ontem levei um pito do mestre porque estava tocando com um dedo só.

Já contei para a senhora como gosto do cinema do colégio. Temos todas as 4^{as} feiras. Também temos teatro.

Há quinze dias tivemos magia. Eu fui ao palco e segurei um chapéu em que o mágico fez um lenço botar meia dúzia de ovos.

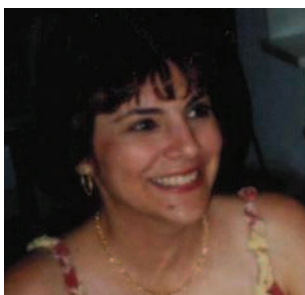
Adeus, vovó. Já bateu para a janta. São 7 horas. Sonharei com o Juquinha. Para o ano ele estará aqui comigo, se Deus quiser.

Um beijinho, de seu querido Carlinhos."

Fonte: *Ecos do Colégio Arquidiocesano de São Paulo*, Revista Periódica, nº 66, 1957, p. 82.

12. Carta de um aluno para a sua avó, publicada na Revista *Ecos*, de 1947.

Fonte: NADAL, Elvira. História do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. **Grifo Projetos Históricos e Editoriais**, [s/d].



Iniciei minha formação no Colégio Independência, onde fiz o primário. No ano seguinte, continuei os estudos na Escola Estadual Canadá, onde completei até o 2º colegial, passando em 1990 para o Magistério na mesma instituição.

Após tirar o diploma de professora, realizei um sonho em 1993: entrar para Curso de História na Universidade Metropolitana de Santos, concluindo a licenciatura em 1996.

Retornei aos estudos em 2002, cursando no mesmo ano, Pedagogia e o Lato-Sensu na PUC em São Paulo, onde a temática da monografia foi: “Santos, fim do século XIX: O papel da Sociedade Portuguesa de Beneficência”. E foi na pós-graduação da PUC, que adquiri o gosto pela pesquisa e decidi ingressar no Mestrado de Educação na Universidade Católica de Santos, onde me identifiquei com a linha II de pesquisa: Instituições Educacionais, História, Política e Processos de Gestão, com o tema escolhido: “Os Museus Escolares na Primeira Metade do Século XX: Sua Importância Na Educação Brasileira”.

Participo, também, do grupo Liame (Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação) que me dá a chance de perceber o quanto é valiosa a preservação dos documentos e objetos, que compõem a vida escolar dos alunos e professores.

Leciono, há dezoito anos na Educação Infantil, sendo que nos últimos oito anos sou Professora na Prefeitura Municipal de Santos, onde com meu trabalho tento conscientizar os alunos da importância da memória escolar.